Castro, Augusto de
Amor à antiga

3 1761 070
PQ
9261
C38
A575

C

AUGUSTO DE CASTRO

# AMOR Á ANTIGA

Comedia em 4 actos
representada pela primeira vez no Theatro D. Maria II
em 16 de fevereiro de 1907




Livraria Ferreira — Editora
132, RUA DO OURO, 138 — LISBOA

Typ. do Annuario Commercial — Praça dos Restauradores, 27

DIAS COSTA

# AMOR Á ANTIGA

Comedia em 4 actos

DO MESMO AUCTOR:

*Theatro:*

CAMINHO PERDIDO (1906)

AUGUSTO DE CASTRO

DIAS COSTA

# AMOR Á ANTIGA

Comedia em 4 actos
representada pela primeira vez no Theatro D. Maria II
em 16 de fevereiro de 1907



LISBOA
FERREIRA & OLIVEIRA, L.DA — Editores
*132 — Rua do Ouro — 138*

1906

PQ
9261
C38A575

Composto e impresso na Typographia do Annuario Commercial
Palacio Foz — Praça dos Restauradores, 27 — Lisboa

DIAS COSTA

*A João Lucio*

# PERSONAGENS

| | |
|---|---|
| LOPO | Ferreira da Silva |
| GONÇALO PESSANHA | Augusto de Mello |
| JORGE PESSANHA | Carlos Santos |
| PADRE JOÃO | Joaquim Costa |
| JERONYMO MENA | Ignacio Peixoto |
| JULIÃO SERENO | Cardoso Galvão |
| A VISCONDESSA D'AMARES | Anna Pereira |
| LUIZINHA, *sua filha* | Delphina Cruz |
| MARGARIDA | Augusta Cordeiro |
| LEONOR SERENO | Cecilia Machado |
| D. HERMINIA DE VALLADARES, *morgada do Freime* | Amelia Vianna |
| LÓLÓ, *sua sobrinha* | Jesuina Motilli |

A acção passa-se na provincia

ACTUALIDADE

# Acto I

# ACTO I

Sala d'um grande solar de provincia. Tectos apainelados. Cadeiras d'espaldar. Retratos antigos. Á D. e E. portas. Ao fundo, porta larga, aberta, dando sobre um grande terraço de casa antiga de provincia.
Ao abrir o panno, GONÇALO e a VISCONDESSA conversam em intimidade.
Entra LUIZINHA, seguida de LOPO. LUIZINHA vem vestida de claro, com simplicidade e desce a scena rindo, voltando-se para LOPO.
Dia ardente de setembro.

DIAS COSTA

## SCENA I

VISCONDESSA, GONÇALO, LUIZINHA e LOPO

LUIZINHA, rindo ainda, para a Viscondessa

Queres saber, mamã?... O tio Lopo insiste em que a D. Herminia vem hoje vestida de vermelho. Eu teimo em que é dia d'ella vir de roxo. Senhora das Dôres — é roxo...

LOPO

Dia das Dôres — vermelho. Eu conheço aquelle calendario como as minhas mãos. Espirito Sancto — vestido côr de canario com pintinhas d'alpista.

Senhora dos Remedios — abobora menina salpicadinha de pevides de prata. Senhora das Dôres — paramento rico, vermelho. Côr d'alecrim — anniversario do senhor D. Miguel. O roxo, menina, é em dia de S. Sebastião.

LUIZINHA

Pois eu aposto...

LOPO

Apostada a cabeça do padre João (vendo entrar o Mena) E ahi vem outro que aposta commigo. (O Mena entra pela D. F.)

VISCONDESSA, reprehensiva

Ó Lopo!...

## SCENA II

OS MESMOS e JERONYMO MENA

MENA, que vem de lenço ao pescoço, cumprimentando

Senhora Viscondessa! Senhor D. Gonçalo! Não puderam ir á festa? (Cumprimenta tambem Luizinha e Lopo).

VISCONDESSA

Chegámos ha instantes — eu e a Luiza. O Gonçalo, esse... já se sabe...

LOPO

E eu... tambem já se sabe... Detesto sermões.

MENA, para a Viscondessa

V. Ex.ª fatigada da jornada, já se vê... E d'essa devota Braga, que noticias, minha senhora? A sr.ª condessa de Lima? O senhor Arcebispo?

VISCONDESSA, affavel

Bem, graças a Deus.

DIAS COSTA

MENA, continuando, para a Viscondessa

V. Ex.ª cá tem sido sempre lembrada na nossa *sueca*. Ainda hontem o disse ao sr. D. Gonçalo.

LUIZINHA, indo ao fundo, do terraço

Devem estar a sair da egreja. Estão a chegar...

LOPO

E eu vou esperal-os. Quero vêr o effeito que faz a D. Herminia a rebolar-se ao sol, toda de vermelho...

LUIZINHA, rindo

De roxo...

LOPO

A careca do Padre João é que ha-de decidir.

LUIZINHA

O tio vae só vêr a D. Herminia? Só, só?... As taes senhoras do Villar?... O tio jura?...

LOPO

Sobre o *cache-nez* do Mena.

Luizinha e a Viscondessa riem.

Mena, *comprometido, fazendo menção de tirar o cache-nez*

Hontem, á noite, ao sair, peorei do meu catarro. (*desculpando-se*) Homem acautellado...

Gonçalo, *que não tem prestado grande attenção á conversa*

Faz muito bem em se precaver. Deixe lá os graceios do Lopo que não tem mais em que pensar!

Lopo

Claro, Mena amigo (*batendo-lhe no hombro*) Elle não se zanga. Tens licença d'hoje em deante para trazer um cobertor ao pescoço. (*vae para sair*) E se queres vir refrescar o *cache-nez*, eu empresto-te um sobretudo e umas galochas. Tomas as tuas precauções...

Mena, *tirando o cache-nez e pousando-o sobre uma cadeira*

Até talvez o possa deixar...

Lopo

Vê lá! Tiral-o do pescoço e arriscas-te a constipar — coitado! — o *cache-nez!*...

*Saem os dois — Lopo e Mena — pelo terraço. Lucinda, do terraço, conversa ainda para a estrada, rindo, com os dois. Em seguida, volta para dentro, atravessa a scena para sair logo pela E. F.*

## SCENA III

VISCONDESSA e GONÇALO

Viscondessa

Este teu cunhado não muda!

GONÇALO

Infelizmente. Tem passado a vida a rir, assim, entre gracejos. A edade não o fez perder este feitio que o inutilisa para todas as coisas sérias. É um inutil.

VISCONDESSA

Mas feliz.

GONÇALO

DIAS COSTA

Como todos os inuteis.

VISCONDESSA

Nem todos... No fundo, é um bello coração. E deve fazer-te boa companhia.

GONÇALO

Sobretudo ao Jorge. Parece mais novo do que elle. Mas o seu exemplo não é dos melhores para o sobrinho. (Depois d'um silencio) Quando tencionas agora deixar-nos?

VISCONDESSA

D'aqui a dias. Bem sabes que me custa cada vez mais sair da minha casa. A edade vae-me pezando já para jornadas d'estas. E tu aqui esqueces-te de nós. O Jorge é como tu...

GONÇALO

Habituou-se mais depressa do que eu suppunha a estas serras. É cedo de mais para elle. Parece-me conveniente que aproveites agora um d'estes dias — hoje ou ámanhã — para lhe fallar. Elle não é já extranho aos meus, aos nossos desejos. Não quero tocar-lhe directamente em tal...

VISCONDESSA

Eu, muito menos. Deixemos isso aos dois.

GONÇALO

São naturaes os seus melindres. O Jorge é um orgulhoso.

VISCONDESSA

Mais uma razão para deixarmos o seu orgulho á vontade.

GONÇALO

Bem vês... O Jorge sabe que é pobre. Esta casa, algumas vinhas fracas, hypothecas... É pouco. A legitima da mãe deu-lhe para fazer o seu curso no estrangeiro. Ficou-lhe por lá, nas mezadas, quasi tudo. Elle sabe-o. A Luiza é rica...

VISCONDESSA, *com desvanecimento*

É um anjo!

GONÇALO

D'accordo. O Jorge não pode ser insensivel áquella mocidade tão communicativa, tão simples. Mas o seu orgulho pode abafar a voz do coração. Não me compete a mim...

VISCONDESSA

A mim muito menos, Gonçalo. Essas coisas são muito sérias para uma mãe. O Jorge não é já indifferente á Luiza. Ella não me disse uma palavra ainda. Mas ha tempos fui-lhe surprehender n'uma gaveta, escondida e amarrotada, uma tua carta, antiga, para mim, em que fallavas muito do Jorge, das suas predilecções pelo campo, das suas caça-

das, do seu genio... Não era difficil perceber a razão porque a pèquena guardára, occulto, aquelle papel que para ella não podia ter outro encanto senão o de fallar do primo. Depois, começa a ser mulher. Está n'essa edade perigosa em que o mundo se adivinha antes de se conhecer. Quando o pae era vivo, estava ella no convento. Sahiu de lá para aquelle casarão de Braga, sempre juncto de mim, fóra do mundo. Todos os sentimentos começam agora a despertar aquella alma. N'estes dias, antes de virmos para aqui, andava nervosa, inquieta. Não me posso esquecer de que n'aquelle corpito franzino corre ainda o sangue doente do pae — e não quero tomar sobre mim a responsabilidade de a encaminhar para uma affeição de que não posso prever as consequencias. Não teria vindo agora, se não fosse ter-te promettido que viria. Não me quero mesmo demorar...

GONÇALO

DIAS COST

Estás sendo injusta com o Jorge...

VISCONDESSA

Não. Esse casamento agrada-me tanto a mim, como a ti. O Jorge é o teu unico filho, Gonçalo. A Luiza é a minha unica filha. Serei feliz ajudando, com o que hoje tenho, a reparar a casa de nossos paes, a casa onde nascemos, junctando, sob estes tectos antigos, os nossos dois filhos. Ninguem o deseja mais do que eu. Mas ninguem pode responder pelo futuro. Tu estás a dar-me razão...

GONÇALO

E possivel. Mas comprehendo tambem a situação do Jorge. (Pausa) Visto que tu não queres, eu verei isso.

## SCENA IV

VISCONDESSA, GONÇALO, LUIZINHA, SERENO, PADRE JOÃO, D. LEONOR SERENO, LOPO, MENA, D. MARGARIDA e JORGE

LUIZINHA, entrando pela E. F., afogueiada

Ahi vêm, ahi vêm todos!...

Gonçalo levanta-se para receber as vizitas. Entram todos, alegremente, pelo terraço. A' frente, conversando, vêm o Sereno e o Padre João; logo atraz, D. Leonor Sereno, rindo, com Lopo e Mena e, no fim de todos, mais vagarosos, Margarida e Jorge.

PADRE JOÃO, curvando-se deante de Gonçalo, n'uma mesura

Sr. D. Gonçalo Pessanha!...

GONÇALO, cumprimentando-o, alegremente

Amigo e parceiro sr. Padre João!...

Todos se cumprimentam.

JORGE, cumprimentando a Viscondessa

Minha tia! (beija-lhe a mão).

VISCONDESSA, indicando-lhe a sorrir Luiza

Já viste a tua prima?

JORGE, cumprimentando Luiza

Priminha! (á Viscondessa) Decerto, minha tia, não

conhece ainda (apresentando o Sereno, que se adeanta) o sr. Julião Sereno que veiu este anno pela primeira vez passar o verão á sua quinta do Villar e que nos tem dado — a mim e a meu pae — a honra da sua companhia algumas noites. (Apresentando Leonor) Sua esposa. (Apresentando Margarida) A sr.ª D. Margarida Almeida, sua cunhada. (Apresentando a Viscondessa e Luizinha) A Viscondessa d'Amares, minha tia. Minha prima. (As senhoras cumprimentam-se. O Sereno corteja).

LEONOR, á Viscondessa e a Gonçalo que se aproxima

Já sabiamos que estavam. Disse-nos o sr. Lopo. Quizemos vir ter a honra de conhecer V. Ex.as e o prazer de as cumprimentar. (A Viscondessa agradece com um sorriso).

GONÇALO

E quizeram ter a bondade de dar tambem a este solitario a alegria de as vêr entre estas paredes tristes.

MARGARIDA, a Gonçalo, com desenvoltura

Nunca mais o tornamos a vêr em Villar. Seu filho tem-nos feito uma excellente companhia. Perguntamos-lhe sempre por si. V. Ex.ª não quer nunca acompanhal-o, ir tomar o café comnosco...

GONÇALO, agradecendo

Em compensação, o cunhado de V. Ex.ª dá-me o prazer de apparecer n'esta casa quasi todas as noites.

MARGARIDA

Em compensação, não. Eu e minha irmã é que nos queixamos de nos vermos privadas da companhia...

GONÇALO, concluindo

... D'um velho!

Margarida aproxima-se da Viscondessa, de Leonor e de Luizinha, fazendo grupo a conversar.

PADRE JOÃO, que se aproxima de Gonçalo e Sereno, para Gonçalo

Aqui o sr. Sereno não conhece ainda o Reitor de Nespereira. Vinha-lhe a contar... Homem que segura um toiro, muito devoto e grande influencia eleitoral. Vale trezentos votos seguros...

SERENO, tirando do bolso uma carteira e tomando nota

Reitor de Nespeira... trezentos votos... Ha-de-me apresentar.

PADRE JOÃO

Sim, senhor. Quando quizer. Um latagão! Leva a freguezia á urna, toda em fila, quatro a quatro... E elle á frente... Segura um toiro, a pé firme, (fazendo o gesto de segurar um toiro) e sem tirar o charuto da bocca... D'uma vez, houve lá uma desordem entre os da freguezia d'elle e os da Ribeirinha. Coisa muito fallada! E elle, sósinho, foi esperar os da Ribeirinha para a ponte... Imagine o sr. Sereno com quê? Com uma lança d'um carro na mão! E aquillo foi dar, dar... Entende o amigo? Um homem que emborca dois litros de vinho!... Sim, senhor — dois litros e um leitão assado ao almoço! Hei-de-o levar ao Villar um dia...

GONÇALO, afastando-se, sorrindo

Para almoçar.

SERENO

Dois litros de vinho e trezentos votos... Ha-de m'o levar ao Villar.

Afastam-se os dois, conversando, para a D

DIAS COSTA

## SCENA V

VISCONDESSA, LEONOR, MARGARIDA, LOPO, JORGE e LUIZINHA. A' D. Baixa: PADRE JOÃO conversa com o SERENO. Ao fundo, D.: GONÇALO e MENA

LUIZINHA, alto, no grupo das senhoras

O tio Lopo já nos tinha fallado de V. Ex.as

LEONOR

Elle tem-nos ajudado a passar aqui esta horrivel monotonia. — É seu tio? Eu imaginava-o apenas cunhado do sr. D. Gonçalo que é irmão, não é verdade?, da senhora Viscondessa...

LUIZINHA

O tio Lopo não me é nada. Mas conheceu-me pequenina, era irmão da tia Julia. Trato-o por tio.

LEONOR

É tão alegre, tão sympathico!

MARGARIDA

Se não fosse elle e o Jorge!... Eu adoro o campo, a solidão, as aves, mas aqui é tudo tão monotono!...

VISCONDESSA

O campo é sempre assim, minha senhora. Não sendo assim, não é campo.

LEONOR

É o que eu lhe digo sempre. Eu, por mim, — sou franca — detesto o campo! Mas a Margarida dizia que o adorava, tudo era poesia! Agora acha monotono isto! A aldeia é toda assim.

MARGARIDA

Acho esta gente toda tão ordinaria, tão suja. A paysagem mesmo!... Ás vezes, da varanda, ponho-me a olhar os montes... Sinto que falta alguma coisa áquellas collinas — alguma coisa d'elevado...

LOPO, que se tem aproximado

Alguma coisa d'elevado?... Um pára-raios!...

MARGARIDA, continuando

Não ria! Alguma coisa que désse inspiração, que désse tom! Um ribeiro, uns moinhos... Eu gosto tanto d'uns moinhos ao longe, brancos!

LOPO

Uns moinhos e um pescador á canna ficam muito bem á paysagem. São mesmo imprescindiveis — sobretudo ao pôr do sol!...

MARGARIDA, rindo

Trocista!

VISCONDESSA

Eu achei sempre o campo triste. É a primeira vez, minhas senhoras, que vêm aqui, á sua propriedade do Villar?

LEONOR

A primeira vez, minha senhora.

LUIZINHA, áparte, a Lopo

Tio Lopo, a aposta?

LOPO, apontando o Padre João

A D. Herminia não pode tardar. Já cá temos o Padre João, precursor...

Padre João e Sereno sobem e juntam se a Gonçalo e ao Mena, ao fundo, D.

LEONOR, á Viscondessa

V. Ex.as demoram-se?

VISCONDESSA

Dois ou tres dias só.

MARGARIDA

Oh! mas n'esse caso!... (chamando Jorge) Jorge! Precisamos d'antecipar o nosso passeio, sabe? Não prescindimos da companhia de sua tia e de sua prima.

LEONOR

Certamente.

VISCONDESSA, escusando-se

Nós demoramos-nos tão pouco?

MARGARIDA

Podemos combinar para um d'estes dias. Não é verdade? O Jorge é quem organisa tudo: horas de partida, itinerario...

LOPO

Eu tenho o pelouro mais difficil. Sou o encarregado dos gericos.

MARGARIDA, rindo

É verdade. O senhor é — o dos gericos.

LOPO

Para servir V. Ex.ª

LEONOR, explicando á Viscondessa

É um passeio ao Monte...

JORGE

... Ao Monte Pellado.

LOPO, a Luiza

Não te assustes, pequena, que não é á cabeça do Padre João. Essa excursão é só para nós dois.

LEONOR

Dizem que é uma vista maravilhosa!

LOPO

Do cimo do Padre João, minha senhora? Decerto, uma vista maravilhosa sobre a D. Herminia. Vê-se tudo!

JORGE, á Viscondessa

A tia deve aproveitar. Um lindo passeio! Sae-se de manhã...

Gonçalo e Padre João approximam-se. Mena e o Sereno passeiam no terraço.

MARGARIDA

Imagine, minha senhora! Ás 8 horas! É de vespera!

JORGE

É preciso sair cedo por causa do calor. Vae-se de gerico. O encantador seria ir ver nascer o sol...

MARGARIDA, horrorisada

Credo!...

JORGE

Almoça-se lá. O regresso é de tarde, pela sombra.

MARGARIDA

Ha regatos?

LOPO

Ha, sim, minha senhora. E leva-se o Mena para pescar á canna.

A conversa prosegue. A Viscondessa afasta-se com Gonçalo.

## SCENA VI

VISCONDESSA e GONÇALO

VISCONDESSA

Quem é esta gente?

GONÇALO

O marido chama-se Sereno (apontando-o ao fundo) — e,

realmente, é aquella serenidade que tu vês. Vivem em Lisboa. A quinta do Villar estava para ir á praça. Elle comprou-m'a. Deu-me por ella quasi o dobro do valor. É cá da terra. Foi para o Brazil em pequeno. Vendeu por lá chitas — e agora gasta o lucro das chitas em sedas para a mulher e para a cunhada, que é viuva. O Mena conheceu-a muito em vida do marido, em Santarem. Apresentou-a ao Lopo e ao Jorge.

VISCONDESSA

E já cá estão ha muito tempo?

GONÇALO

Desde julho. O homem traz obras na casa.

VISCONDESSA

Nunca me fallaste nas cartas d'esta novidade?

GONÇALO

Passou-me. Nunca as vejo. Quando o homem chegou, depois de me ter comprado a quinta, fui vizital-o. Elle tem vindo por cá ás noites. As damas são lá relações do Lopo e do Jorge.

VISCONDESSA

A outra é viuva?... Não parece!

## SCENA VII

OS MESMOS, menos o MENA e o SERENO
que passeiam no terraço

PADRE JOÃO, alto, no grupo

Vê-se o mar, minhas senhoras, vê-se o mar ao longe, fazendo assim com a mão (faz um oculo com a mão).

LUIZINHA, ingenuamente

Pode lá ser! A uma distancia d'essas!...

LOPO, olhando para o terraço

O Mena no terraço! O Mena sem *cache-nez!*... Vamos acudir ao Mena! (dirige-se, correndo, para o terraço)

Gonçalo dirige-se tambem para o terraço. Jorge e Margarida ficam encostados á meza da E., a conversar.

LUIZINHA, ao Padre João, sem poder despegar os olhos de Margarida e de Jorge

Então gostou da festa, este anno?

PADRE JOÃO

Ha muito tempo que se não faz cá uma Senhora das Dores com tanta pompa. Quinhentas luzes! Imagine V. Ex.ª! Foi ideia do Sereno que concorreu para a festa. Quiz o altar-mór bem illuminado. Quinhentas luzes!... Muita pompa — muitissima pompa e muito calor! A senhora morgada desmaiou...

LUIZINHA, distrahida

A sr.ª D. Herminia?...

PADRE JOÃO

A propria. Quinhentas luzes com um calor d'estes, depois o povo, a commoção...

Luizinha escuta distrahidamente a conversa, appoiada ás costas do canapé. Dentro em pouco — e logo depois de começado o dialogo da scena VIII — Lopo e o Mena junctam-se ao grupo da Viscondessa e Leonor, no canapé. A conversa alli anima-se entre todos, á excepção da Viscondessa que se conserva retrahida e manifestamente pouco á vontade. Lopo senta-se ao piano e começa a tocar, baixo, distrahidamente, uns compassos dolentes de valsa, emquanto conversa, rindo, com Mena.

## SCENA VIII

MARGARIDA e JORGE (na E. baixa)

MARGARIDA

Esta sua prima é a tal... com quem dizem que o senhor vae casar?

JORGE

Margarida! Faz-me mal ouvir-lhe dizer isso!

MARGARIDA, com um ar desdenhoso

É gentil, é gentilsinha! E, depois, rica, hein? Dizem... Seu pae gosta...

JORGE

Trata-se de mim, Margarida — e eu só a amo a si, só penso em si...

MARGARIDA

Começo a desconfiar do senhor — sabe? Eu sempre tive um grande horror aos paes que querem casar os filhos. As mulheres sabem resistir a essas coisas. Os homens, nunca.

JORGE

Está sendo cruel. Quer que lhe falle de Veneza?

MARGARIDA

Não. Falle-me de sua prima. Tem pouco ar, sabe? Acho-a sobretudo com pouco ar!

JORGE

Uma creança!

MARGARIDA

Está bem certo d'isso?

DIAS COSTA

JORGE

Estimo-a como a uma irmã mais nova.

MARGARIDA, sorrindo

Uma irmã mais nova!... Com aquelles olhares? Oh, Jorge!...

Luizinha, que tem seguido todos os movimentos de Margarida e de Jorge, atravessa nervosamente a scena e sae dissimuladamente pela D. F.

MARGARIDA

Olhe: lá saiu ella agora. É nervosa, é gentilsinha!... (ironica) Com que então a sua irmã mais nova?

JORGE, subitamente

Tem ciumes?

MARGARIDA, rindo

Ciumes, eu? O senhor está a brincar, o senhor não sabe o que diz! O senhor bem sabe que eu não posso ter ciumes...

JORGE

De mim?

MARGARIDA

De si... ou de qualquer outro. O ciume é o amor dos carniceiros e das creadas de servir — ou então é uma infantilidade. Olhe: a sua prima tem ciumes... É ordinario! (fitando-o, a rir). O senhor é ciumento?

JORGE

Ás vezes.

MARGARIDA

É pessimo!

JORGE

Tenho ciumes do seu passado...

MARGARIDA

É detestavel!

JORGE

Tenho ciumes dos que se aproximam de si...

MARGARIDA

E horroroso!... Oh! mas o senhor hoje está muito pouco Fausto...

JORGE, lamecha

Margarida!

MARGARIDA, ironica

Fausto!... (mais baixo e rindo). Olhe que nos vêm! Estamos deante de gente!

JORGE

Para que ri?

DIAS COSTA

MARGARIDA

Porque não posso vel-o com cara de quem vae chorar!... Falle-me, ande, enterneça-me! Enterneça-me — ou, então, tenha espirito!...

JORGE, descorçoado

Desisto de fallar comsigo em coisas serias.

MARGARIDA

Uma fraqueza, uma fraqueza imperdoavel. Desiste depressa. Eu começava a enternecer-me...

JORGE

Promette não se rir se eu lhe fizer um pedido e uma pergunta?

MARGARIDA

Basta que o senhor m'o peça.

JORGE, aproximando-se mais d'ella

Quer ser minha mulher?

MARGARIDA, depois d'um silencio, olhando-o

O Jorge ouviu-me dizer que me ia enternecer e quiz ter espirito...

JORGE

Fallo serio.

MARGARIDA

Ora ahi está uma coisa que o senhor não se ha-de cansar de repetir...

JORGE

Porquê?

MARGARIDA

Porque d'aqui a duas horas já está arrependido de a ter dito.

JORGE

Que juizo fórma de mim?

MARGARIDA, *olhando-o, precipitadamente*

O juizo de que o senhor é um homem como os outros homens — e de que eu sou uma mulher differente das outras mulheres. Agora fallo serio — visto que o senhor quer. (*demorando as palavras*) O senhor nunca me ha-de amar, como eu o hei-de saber amar a si...

JORGE, *arrebatado*

Margarida!

MARGARIDA, *continuando*

... Se o seu amor fôr digno do meu!

JORGE

Eu quero fallar-lhe logo, mais tarde... Tenho tanto que lhe dizer!

MARGARIDA, *sorrindo já*

Quando?

JORGE

Á noite, á tarde... Sós! Consinta!

MARGARIDA, sorrindo sempre

É cedo, Fausto... para a serenata! O que é que o senhor terá de mysterioso a dizer-me?... O senhor já disse tudo!

JORGE

Quero dizer-lhe...

MARGARIDA, interrompendo-o

O senhor quer pedir a minha mão... ao luar! Para que é preciso tanta solidão? (sorrindo). Olhe: a sua priminha — coitada! — desappareceu! (dá alguns passos em direcção ao grupo do canapé).

## SCENA IX

MARGARIDA, LOPO, LEONOR, o MENA, JORGE, PADRE JOÃO, VISCONDESSA
GONÇALO e o SERENO no terraço

LOPO, alto, no grupo do canapé, para Margarida depois de ter trocado com o Padre João algumas palavras, em voz baixa, rindo

Acabo de fazer uma descoberta terrivel! O Mena ama! (Riem no grupo).

MARGARIDA

Mas isso é fulminante!

LOPO

O padre João viu hontem o nosso Mena passeando de noite, ao luar, na estrada do Villar. Ima-

gine — meia noite! E imagine — sem *cache-nez!* O Mena, á meia noite, sósinho, ao luar, sem *cache-nez!*...

MARGARIDA

Toca as raias do inverosimil!

LOPO

O reu, interrogado, não nega...

MENA, compromettido

Estava uma noite deliciosa! Eu tambem sou amador do bello!

LOPO

Vejam como elle se compromette! É amador do bello... Está o diagnostico feito. (para Margarida) Aproxime-se, minha senhora! (para Jorge) Aproxima-te, Jorge! Nós somos aqui todos da opinião de que quando um homem, como o Mena, se decide a abandonar o fôfo leito, a deixar em casa, sósinho, o *cache-nez*, a afrontar o catarro, talvez o rheumatismo, para vir, em pessoa, passear a alma ao luar da meia-noite, na erma estrada do Villar, — e quando sobretudo, para tão comprommettedor delicto, esse homem não encontra outra explicação senão as delicias da noite e outra attenuante senão a de que é amador do bello — não póde haver hesitações: o cavalheiro ama! *Dunque,* o Mena ama!

LEONOR, rindo

Eu entendo que é bom certificarmo-nos, primeiro, do appetite do sr. Mena. Quantos ovos?

LOPO

Essa confissão não lhe arrancamos nós! Mas o

Mena está no regimen da gemmada, com certeza. É um dos symptomas fataes. Está pois assente que o Mena ama?

LEONOR, MARGARIDA, JORGE, a um tempo

DIAS

O Mena ama!

PADRE JOÃO

Os indicios, pelo menos, são terriveis...

LOPO, reprehensivo, para o Padre João

Oh! Padre João!... (n'outro tom) Resta apenas saber qual é a imagem que enche aquelle coração, quem é *la donna felice*... A esse respeito, tem a palavra a primeira testemunha de accusação. Sr. Padre João, tem a palavra!

MENA

Oh! senhores! É um costume meu antigo. Insomnias!

LOPO, rapidamente

Tem insomnias? Mas isso então vae já adeantado, é capaz de ser mortal... Padre João, Padre João, venha depressa esse depoimento — e prepare-se depois para lhe administrar os sacramentos!

PADRE JOÃO, vagarosamente

Eu descia a estrada do Villar, vinha de... (hesita).

LOPO

Salte o pormenor, salte esse pormenor — para não carregar a consciencia ecclesiastica. O senhor, á meia noite, vinha de casa d'uma confessada — emfim, de chamar uma alma ao bom caminho. Adeante! ..

MENA, *maliciosamente*

O sr. Padre João vinha do Freime, dos lados da casa da sr.ª Morgada... Pelo menos, n'aquella direcção... Conjecturei...

*Risos suffocados.*

PADRE JOÃO, *encavacado*

Eu lhes digo, eu lhes digo... A sr.ª Morgada tinha-me mandado chamar por causa d'um caseiro...

LOPO, *com gravidade*

Volte a pagina, Padre João!...

PADRE JOÃO

Eu não posso affirmar que fosse meia-noite — mas onze e meia, onze e tres quartos... Um pouco abaixo da quinta do Villar...

LOPO, *olhando á vez Leonor e Margarida*

Dar-se-ha o caso?... Prosigamos.

PADRE JOÃO, *continuando*

... Vi uma sombra escoar-se para a valeta. Emfim, áquella hora, na estrada deserta, um vulto que, ao avistar-me, se sumiu .. Estaquei e gritei «*olé!*» Ninguem! (*Mena faz um movimento. Lopo contem no*). Dei dois passos para a valleta, apparelhei o cajado — e foi então que o nosso prezado amigo sr. Mena se levantou e me deu as boas noites. Fiquei admirado de o vêr n'aquelle preparo, áquella hora e perguntei-lhe se andava aos grillos...

LEONOR

Eu já sabia que o sr. Mena era grande pescador de trutas, mas ignorava a sua predilecção pelos grillos.

MENA, *compromettidissimo, no meio dos risos do grupo*

Eu não andava aos grillos...

JORGE, *rindo tambem*

DIAS COSTA

Andava ás trutas!

PADRE JOÃO, *continuando*

Fez-me depois até casa uma excellente companhia...

LOPO

Uma excellente e discreta companhia... Mais nada?

PADRE JOÃO

Mais nada.

JORGE

E o Padre João não fez nenhuma indagação... supplementar?

PADRE JOÃO

Pelo amor de Deus! As conveniencias...

LOPO

Basta! Resta, pois, saber qual era — ou, melhor, qual é — o sublime objecto dos pensamentos do Mena.

LEONOR

A julgar pela narrativa do sr. Padre João, o objecto deveria estar... na valleta...

LOPO

A valleta era o esconderijo, a valleta era o mysterio, a valleta é o corpo de delicto! Sr.ª D. Leonor, D. Margarida, esclareçam-se... Nas immediações da quinta do Villar...

MARGARIDA

O Mena acaba de nos fazer a sua confissão: é amador do bello. Nós somos conhecidos velhos — sempre o conheci um bocado poeta. O Mena n'aquella noite de luar amava a Natureza!

LOPO

Visto que nada podemos apurar agora — vamos todos tomar um compromisso. Precisamos de vigiar o Mena, saber o que elle come, a que horas se deita, a roupa branca que uza, emfim, seguir attentamente a marcha da doença. Pode ser necessaria, em certa altura, a nossa intervenção de cirurgiões para extirpar o mal — *extirpare*... Ponha isto em latim, amigo Padre João! Ao mesmo tempo, é preciso espial-o, seguil-o, tirar a preza das unhas d'este scelerado e levar os dois aos pés do Padre João, ao *conjugo vobis* — emfim, encarceral os na Santa Madre Egreja! Eis a nossa missão! Juram todos?

LEONOR, MARGARIDA, JORGE, PADRE JOÃO a um tempo

Juramos!

MENA

Eu apello para a sr.ª Viscondessa! Sr.ª Viscondessa, acuda-me!

LEONOR e LOPO

Sr.ª Viscondessa, não lhe acuda!

VISCONDESSA, contrafeita

Eu acho que os senhores exageram. O sr. Mena gosta do luar. Até a mim, na minha edade, me enternece uma noite de luar! Depois, é possivel que o sr. Mena ame. Porque não? Se elle quer guardar segredo...

PADRE JOÃO, a medo

Certamente. O amor é mysterioso.

JORGE, olhando de lado Margarida

O amor é sempre o mysterio.

MARGARIDA

Porque é que o amor ha-de ser o mysterio? Se é um sentimento que ennobrece, a luz, a claridade só o podem tornar mais bello e mais digno. Occultar o amor, escondel-o dos outros — é aviltal-o.

LEONOR

Ah! isso não, Margarida! O mysterio no amor não é o aviltamento — é o recato.

LOPO

Appoiadissimo. O mysterio no amor é o recato... dos maridos!

VISCONDESSA, levantando-se, gravemente

Se querem a minha opinião de mulher experiente, deixem-me dizer-lhes que o amor nem é mysterio, nem é recato, nem é aviltamento. Ou, melhor, é isso tudo — conforme... Para uma mulher casada, o amor é o cuidado do seu marido, a paz da sua

casa, o trabalho, a alegria, a tranquillidade da consciencia, a estima mutua e sã de dois corações que mutuamente se amparam na vida. Para uma menina solteira, o amor é uma coisa só: uma affeição simples, que não tem palavras, — porque o amor quando se sente não se exprime e, quando se exprime, não se sente — uma affeição que se occulta sem se sentir e se confessa sem querer... Para uma senhora viuva, como eu, o amor é a saudade, é o passado, é a recordação... (para Margarida) Perdoeme V. Ex.ª, minha senhora, que é nova e para quem o amor é sempre um sentimento que ennobrece...

MARGARIDA, melindrada

Se o amor é um sentimento irrezistivel! Não está na nossa mão!...

VISCONDESSA

É possivel que não esteja na de V. Ex.ª...

MARGARIDA, maguada

Minha senhora!... (com affectação) Tudo isso são ideias antigas...

Ouve-se, ao longe, um rumor indistincto de musica e de vozes.

PADRE JOÃO, erguendo-se

É a procissão! Vê se do muro do jardim. Passa na estrada. Querem vir vêr?

GONÇALO, do terraço, para dentro

Querem vir vêr? (sae pelo terraço, D. — com o Sereno).

VISCONDESSA, emquanto todos se levantam, ainda para Margarida

É possivel que sejam ideias antigas, minha senhora. Tenho ouvido dizer que têm mudado. E

possivel mesmo que o amor á antiga, como eu o comprehendo, seja hoje banal. Posso, no emtanto, garantir-lhe que não admittirei outro em minha filha — que deve ser alguns annos mais nova do que V. Ex.ª

LOPO, á Viscondessa — emquanto Margarida, Leonor, o Mena, Padre João e Jorge saem pelo terraço

Não vem?

VISCONDESSA

Não. Vou procurar a Luiza (vendo entrar Luizinha) Ah! ella ahi vem. (Luiza desce para junto da Viscondessa. Lopo sae tambem pelo terraço).

## SCENA X

VISCONDESSA e LUIZINHA

VISCONDESSA, a Luizinha

Onde tens estado?

LUIZINHA

A arrumar a roupa. Vinha tudo tão apertado nas malas!...

VISCONDESSA

Tens tanto tempo para isso! Não quizeste conversar. Sentes alguma coisa?

LUIZINHA, dissimulando mal

Nada.

VISCONDESSA

Estás triste?

LUIZINHA, perturbada

Não. (caminhando para o terraço) Não vens vêr passar a procissão?

VISCONDESSA

Não. Vae. E dize a teu tio que venha já fallar-me.

Luizinha sae.
Passados poucos momentos, entra Gonçalo.

## SCENA XI

VISCONDESSA e GONÇALO

GONÇALO, entrando

Já tinha dado pela tua falta. Queres alguma coisa?

VISCONDESSA, seccamente

Quero que mandes prevenir immediatamente o carro para eu partir esta tarde mesmo com a Luiza.

GONÇALO, surprehendido

Vaes já? A Luiza está doente? Tens alguma coisa?

VISCONDESSA

Não. Mas não devo deixar aqui a minha filha mais tempo. Não me agradam para companhia da Luiza as pessoas que frequentam agora a tua casa.

GONÇALO

Fallas serio?

VISCONDESSA

Na nossa edade, Gonçalo, não se brinca. A Luiza é uma creança impressionavel, simples. Não me convem que presenceie certas liberdades... pouco dignas da sua educação.

GONÇALO

Em minha casa? Não sei a que te referes!

VISCONDESSA

A nossa conversa de ha pouco não te deixou de certo duvidas sobre as minhas ideias ácerca do Jorge e da Luiza e tambem dos meus escrupulos a esse respeito. Nada tenho com a forma por que o Jorge quer guiar a sua vida — e não serei eu quem lhe conteste a sua inteira liberdade. És tambem senhor de receber em tua casa quem melhor te pareça e da maneira por que melhor te convenha. Folgo simplesmente em que a nossa conversa de ha pouco ficasse no ponto em que ficou.

GONÇALO

Cada vez entendo menos.

VISCONDESSA

E no emtanto, nada ha mais facil de entender. Acabo de ter a certeza de que o teu filho é muito menos indifferente á Luiza do que eu pensava. Por outro lado, não me foi difficil, em menos de meia hora, surprehender uma... uma auspiciosa inclinação do Jorge por uma senhora que tem sobre o amor theorias que elle certamente comprehende

melhor do que eu — porque parece admiral-as. O que eu desejo é não envolver em tudo isto minha filha... que ácerca do amor sabe apenas que seu pae amou a mulher que é sua mãe da mesma fórma por que ella ha-de amar o homem que fôr seu marido. Não quero que aprenda mais — ou que lastime sequer saber a este respeito menos do que as outras...

GONÇALO

Tu fazes-me a justiça de acreditar, Carolina, que não só sou extranho a tudo isso — mas ignorava o que me acabas de dizer. Trata-se com certeza d'um equivoco teu.

VISCONDESSA

É possivel. Mas desejo que esse equivoco se esclareça na minha auzencia.

GONÇALO

Eu vou fallar ao Jorge. Se fôr preciso, mandal-o-hei uns dias para Lisboa.

VISCONDESSA

É inutil.

GONÇALO

Peço-te que esperes. Fallar-lhe-hei. É o meu dever.

Todos os personagens que têm estado em scena nas situações anteriores desde ha momentos que estão de novo no terraço, conversando e rindo. Entram agora, rindo ainda, animadamente, em grupos. O Sereno, que entra em ultimo logar, senta-se sorrateiramente n'uma cadeira de braços que está no ultimo plano da scena, juncto da porta que dá para o terraço, e adormece.

## SCENA XII

TODOS OS PERSONAGENS DAS SITUAÇÕES ANTERIORES

DIAS COSTA

LOPO, a Leonor, com uma luva d'ella na mão

E agora, minha senhora, guardo a...

LEONOR

Para que quer o senhor uma luva?

LOPO

Para a guardar, para a conservar, para lhe fazer um altar — e tel-a n'um oratorio, perfumada, bordada, occulta, com duas velas accesas — uma de cada lado. Á noite, ajoelhar, contemplal-a, esticar-lhe os pequeninos dedos, lembrar-me da mão que a calçou... Emfim, minha senhora, eu fico com a luva!

LEONOR

Não dou licença.

LOPO

Mas é que eu nem lh'a peço! Achei esta luva — guardei-a. Para que a deixou cair aos seus pés, tão mysteriosamente?

LEONOR

Para lhe dar ao senhor o prazer de a apanhar...

LOPO

É pouco, minha senhora. Para isso bastava o seu marido.

LEÔNCR

A luva faz-me falta, dê-m'a.

LOPO

Zangue-se, zangue-se!

LEONOR

Seja gentil!

LOPO

Tão gentil que guardo a luva. Como esta luva vae ser feliz, como ella vae ser amimada, descansada... engordar talvez... Quem sabe? Faça ideia!

MARGARIDA, alto, no outro grupo

Deixei ficar o meu leque no muro.

LOPO

Uma luva e um leque... Faço hoje a minha colheita. (a Margarida) Corro a salvar-lhe o leque! (a Leonor, baixo) O leque, minha senhora, tambem vae para o oratorio — se der licença. Serve de missal. (vae a sair, correndo, pelo terraço: esbarra na D. Herminia que entra) A procissão outra vez! Um anjinho! (reparando) Ah! perdão! A sr.ª D. Herminia de Valladares, morgada do Freime, a menina Lóló, sua sobrinha... (voltando, junto de Luiza) Vem de roxo, menina. Perdi a aposta. (corre de novo para juncto da D. Herminia, aproxima-se do Padre João que, todo curvado, cumprimenta a Morgada e, rapidamente, faz, com uma das mãos estendida, o movimento de decepar a cabeça do padre. Este, surprehendido, cae, sem querer, sobre Sereno, que accorda n'um salto. Lopo, retomando a tranquillidade, ao Sereno) Perdão, meu caro senhor. Era uma aposta. (chamando Luiza áparte) Perdi, menina. Tenho de reformar o calendario. Espirito Sancto — canario e alpista; Senhora dos Remedios — abobora e as competentes pevides; Senhora das Dôres — roxo; côr d'alecrim — anniversario do senhor D. Miguel. Ganhaste! (sae, correndo, pelo terraço).

*Desce o panno*

DIAS COSTA

# Acto II

# ACTO II

O mesmo scenario do acto anterior.
Ao abrir o panno, GONÇALO está de pé, juncto á mesa da E. Pela D. F. entra JORGE, que vem de *toilette* de montar, calção e polainas.

---

## SCENA I

GONÇALO e JORGE

GONÇALO

Tens pressa?

JORGE

Não, meu pae. Estou ás suas ordens

GONÇALO

Já hontem quiz fallar-te. Não tive occasião. (Pausa) Fallemos como dois amigos. Ha muitos annos, que, para ti, acalento um projecto. A sua realisação será a tua — e será a minha felicidade. Não deves desconhecel-o...

JORGE, levantando-se

Meu pae nunca m'o disse...

GONÇALO

Trata-se de tua prima...

JORGE

E de mim?

GONÇALO

E de ti, sim. Surprehendes-te?

JORGE

Para que lhe hei-de dizer que não? Surprehendo-me. O meu pae quer dizer que pensou e que pensa no meu casamento com Luiza?

GONÇALO

Sim.

JORGE

Entende que esse casamento vem restaurar a nossa fortuna, que elle satisfaz uma aspiração sua...

GONÇALO

E que fará a tua felicidade.

JORGE

E o meu pae tem a certeza de que Luiza consentirá em satisfazer esses seus tão caros projectos? Luiza já foi ouvida?

GONÇALO

Luiza adora-te e soffre. Hontem parece que tu, certamente por distracção, não tiveste com ella as solicitudes... que ella, coitada!, desejaria. Affligiu-se, chorou... Tu devial-o ter notado...

JORGE, levemente preoccupado

Não, não notei. Mas como soube o meu pae?...

GONÇALO

Percebi-o. Depois tua tia contou-me.

JORGE

O que meu pae me acaba de dizer?

GONÇALO

O que eu te acabo de dizer...

JORGE, apoz um momento

Trata-se portanto d'um casamento que meu pae e minha tia desejam, não é verdade? Mais nada. Luiza é uma creança. É possivel que haja da sua parte um capricho pueril... uma infantilidade qualquer...

GONÇALO

Luiza tem dezoito annos.

JORGE

Mas dezoito annos, com uma educação de convento e de provincia, não lhe dão do mundo e da vida o conhecimento preciso para poder escolher marido.

GONÇALO, severamente

Luiza pertence a uma familia em que é de tradição os filhos, em questões tão graves como esta, dispensarem se de conhecer o mundo para se deixarem conduzir submissamente pela experiencia dos paes.

JORGE

Sempre?

GONÇALO

Sempre.

JORGE, depois d'um silencio

Pois bem. O meu pae começou por me dizer que era melhor fallarmos com clareza. É effectivamente melhor. É-me afinal indifferente saber o que possa Luiza pensar de tudo isto e, mesmo, dos seus deveres de submissão, se esses lhe forem invocados. Basta, meu pae, que eu tenha a magua de lhe dizer que, por mim, não estou disposto a sacrificar a essa tradição da nossa familia que eu respeito e á sua muita experiencia do mundo, que eu venero — nem a minha vontade, nem o meu futuro.

GONÇALO, pallido

Eu não entendi bem naturalmente o que quizeste dizer...

JORGE

Supponho que disse o bastante para o meu pae me entender e que não o offendi na fórma por que o disse.

GONÇALO

É então verdade o que eu me recusava até agora a acreditar? Desbarataste lá por fóra em amores faceis o teu pundonor e o teu brio. Tão baixo desceu o teu caracter que já nem distingue a virtude... do artificio e...

JORGE

Meu pae!

GONÇALO

Se tu te recusas a acceitar o casamento com Luiza é porque te entretens em galanteios pouco dignos já da tua edade, da tua situação e da tua classe.

JORGE

Se meu pae nas suas allusões, pretende ferir uma senhora, que eu respeito..: e que eu amo, peço-lhe licença para me retirar.

GONÇALO

E pretendes talvez fazer d'essa senhora tua mulher?...

JORGE

Exactamente.

GONÇALO

Ensandeceste!

JORGE

Peço-lhe de novo, meu pae, licença para me retirar.

GONÇALO

Terás de te retirar de vez d'esta casa e de juncto de mim no dia em que deres um passo para publicamente partilhar o teu nome — que n'esse momento deixará de ser o meu — com essa parenta de mercantes que te obriga a faltar aos teus deveres de filho e de fidalgo!

Ouve-se fóra, vindos do terraço, a voz de Lopo e o riso de Luizinha. Gonçalo está de còstas para Jorge que, sem responder a estas ultimas palavras, dá alguns passos em direcção da D. para sahir. Entra Lopo, dando o braço a Luizinha.

## SCENA II

GONÇALO, LOPO, JORGE e LUIZINHA

LOPO, indo ao encontro de Jorge e sem reparar no aspecto alterado d'este

Andavamos justamente á tua procura. A Luizinha insistia em que tu tinhas sahido e eu teimava em que tu estavas. Cá tinha as minhas razões. E, já se vê, apostamos. (a Luizinha) D'esta vez, perdeste tu a aposta. Pagas logo. (vendo que Jorge sae, sem responder e deixando o braço de Luizinha) Espera lá, menino! Não vás assim com essa sem-cerimonia! (reparando no aspecto de Jorge, — mais baixo) O que succedeu? Hein? Azedaram-se os animos? (Jorge responde-lhe qualquer coisa, tambem baixo).

GONÇALO, procurando acalmar-se, a Luiza que se tem aproximado d'elle

Não quizeste ir com tua mãe e com o Padre João, Luizinha?

LUIZINHA

Não, meu tio. A mamã não me deixa nunca apanhar sol. Diz que o sol me faz mal. Mas, francamente, ainda não tive occasião de experimentar.

GONÇALO

Foi bom não ires. Está muito quente hoje para fazeres a experiencia. Tens andado no jardim?

LUIZINHA

Tenho andado a conversar com o tio Lopo.

GONÇALO, acariciando-a

Que te tem feito rir?

LUIZINHA

Está tão bem disposto sempre!

LOPO, chamando Luizinha e impedindo um movimento de Jorge para sahir

Ó Luizinha — ouve aqui o teu primo, que está zangado comtigo! Eu já te estive a desculpar. Mas elle está terrivel... Anda cá ouvil-o! (a um movimento ontrafeito de Jorge) Vá, menino, nada d'amuos!

LUIZINHA, aproximando-se de Jorge

Queres-me fallar?

LOPO

Está visto que quer (mais baixo a Jorge) A pequena não tem culpa, coitada! Dize-lhe qualquer coisa (vendo que Jorge nada diz e notando o embaraço de Luizinha) Vocês emperram d'uma fórma... Emfim, eu não sei! Diz elle que tu d'esta vez... e tal e coisas, sim senhor! Anda, dize-lhe lá, ó Jorge! (aproximando-se de Gonçalo, baixo) O Jorge já me disse o que foi. Quero vêr, meu caro cunhado, se d'esta vez lhe dou uma prova de que não sou... tão leve de cabeça como o Gonçalo anda sempre a dizer. Deixe-os commigo — ou, melhor, venha até aqui fóra commigo. Aquillo são fumaças de rapaz! (olhando os dois) Liberdade á Natureza! (vae com Gonçalo para o terraço).

## SCENA III

JORGE e LUIZINHA

LUIZINHA, a Jorge, embaraçada

Estás zangado commigo?

JORGE, contrafeito

Mas eu nada disse! São coisas do tio Lopo. Cer-

tamente tinha alguma coisa que dizer em particular a meu pae e livrou-se assim de nós.

LUIZINHA

É possivel, é...

JORGE, depois d'um silencio, mais brando

Andavam á minha procura?

LUIZINHA

Andavamos. Eu dizia que tu tinhas sahido. O tio Lopo dizia que não.

JORGE

E porque dizias tu que eu tinha sahido?

LUIZINHA

Parecia-me. Tinha o presentimento... Vaes sair a cavallo?

JORGE

Vou.

LUIZINHA

Só?

JORGE, embaraçado

Não sei... É possivel que alguma das senhoras do Villar...

LUIZINHA, sem poder dominar-se, hesitando

Tens sahido mais vezes já a cavallo... com alguma d'essas senhoras?

JORGE, contrariado

Uma ou duas vezes só. A tia não te deixa andar a cavallo?

LUIZINHA

Não — e eu não quero tambem. Não gosto.

JORGE

Tens mêdo?

LUIZINHA

Não, não é por isso. Não gosto. (não podendo conter-se, quasi a chorar, sahindo a correr pela D.) Não te demores por minha causa. Esperam-te talvez no Villar... .

## SCENA IV

LOPO e JORGE

LOPO, descendo do terraço, emquanto Gonçalo sae pelo terraço D, olhando á procura de Luizinha

Tão depressa, homem! Tu és cruel! Afugentaste-a! A pequena perdida d'amores por ti... *Un pó di cuore, gentil signor!*

JORGE

Com franqueza, meu tio, escolheu uma pessima occasião para provocar entre mim e a Luiza uma scena que podia ser desagradavel... Foi, pelo menos, da sua parte, uma imprudencia.

LOPO

A pequena não sabia o que se tinha passado entre ti e teu pae. Onde estava... a imprudencia?

JORGE

Mas depois do que se passou, era de comprehen-

der o meu estado de espirito. E logo justamente com Luizinha...

LOPO

Luizinha é uma pequena encantadora, é tua prima, gosta de ti. No meu tempo, rapaz, uma companhia d'essas, fosse qual fosse a situação, não embaraçava nem perturbava o espirito. Aligeirava-o — porque o espectaculo da innocencia é sempre bello e, quando a innocencia nos vizita de braço dado com o amor, não é preciso ser poeta, filho — pelo menos... entretem!

JORGE

Respeito bastante Luizinha para poder fazer d'ella objecto dos meus entretenimentos.

LOPO

Ora ahi está uma tirada! (apertando-lhe a mão) Bello effeito, bella voz, uma certa nobreza de expressão!... Muito bem. Simplesmente, o respeito que tu entendes que deves a tua prima — percebo eu — traduz-se d'uma forma singular: fazes que a não vês, ligas-lhe a attenção que se liga a uma creança de doze annos. Esqueces-te de que é essa a forma mais cruel — e menos polida — de faltar ao respeito que um homem de linha e de coração deve a uma mulher...

JORGE

Mas fallam todos de Luizinha como se ella não fosse uma creança...

LOPO

Luizinha para ti só deixará de ser creança quando enviuvar, fizer boquinhas e não confessar a edade. Perfeitamente. A tua D. Margarida casou aos de-

zesseis. Aos dezessete naturalmente aborrecia o marido, aos dezoito — edade que tem a tua prima — atraiçoava-o... — (fingindo reflectir) Margarida, emfim, tem uma certa educação... Eu te digo: atraiçoava-o pela primeira vez.

JORGE

Meu tio! Não tem o direito de fallar por essa forma deante de mim da honra de Margarida.

LOPO

Em primeiro logar, a honra de Margarida a que me refiro interessa apenas ao marido defuncto — e não á tua presumptiva categoria de marido futuro. Em segundo logar, eu disse *naturalmente*. Naturalmente, bem vês, é muita coisa.

JORGE, com severidade

Suppunha que os homens do seu tempo não se permittiam fallar d'essa forma calumniosa das senhoras das suas relações — e da estima dos seus amigos. Os gracejos têm o seu logar e têm os seus termos. O tio respeitou sempre Margarida, respeitou sempre Leonor...

LOPO

Os homens do meu tempo tinham uma certa parcimonia — mais que os d'hoje — em distribuir por este mundo de Christo o seu respeito. E sobretudo quando esses homens do meu tempo têm visto a vida de perto como eu, julgam do seu dever desfazer, a sorrir, as exaltações equivocas da mocidade e fazel-a vêr claro, se é possivel ou se ainda é tempo. É um triste direito e a unica missão que nos fica, a nós que não temos familia, que nos arruinamos em cavallos e em bailarinas e que ás vezes temos um sobrinho nas tuas condições.

JORGE, ainda com severidade

Agradeço-lhe, meu tio, os conselhos da sua experiencia conquistada com cavallos e com bailarinas, mas...

LOPO, rindo

Chega-me alfinetadas d'essas, rapaz! Isto é pello callejado, filho, — não entra! Vamos de vagar, se me dás licença. Isto de pé, não vae. (dando-lhe uma cadeira) Toma lá uma cadeira, modera os teus impetos...

JORGE

Mas eu tenho de sahir. (vendo o relogio) São horas. Esperam-me.

LOPO

Ha occasiões em que é bom a gente fazer-se esperar — mesmo por uma senhora. (Pausa) Tu disseste que eu tenho respeitado Margarida e Leonor. Distingamos, distingamos, se me fazes obsequio. Leonor é uma senhora casada. Surgiu aqui, como viste, com um marido que se esquece da mulher a dormir e quando está acordado adormece para a esquecer. É nova, usa meia de seda, tem as unhas polidas, um certo geito de levantar os olhos... Bem vês, essas coisas nunca são indifferentes a um homem como eu. Essa, portanto, respeito-a, fazendo lhe a côrte. Crê, meu caro, que mulheres que usam meias de seda, as unhas polidas, têm o tal geito de levantar os olhos e, ainda por cima, um marido que adormece sempre ao fazer das digestões, — a unica fórma de respeito que apreciam em nós é a de lhes darmos galantemente a entender que invejamos os maridos... quando elles estão acordados. Por seu turno, ella corresponde á minha côrte, esquivando-se. (Gesto de Jorge) É dos livros, menino. Pertence ao numero das mulheres que não caem e se contentam em nos

dar todos os dias a voluptuosa impressão de que vão emfim tropeçar. É uma fórma, como qualquer outra, de sensualidade — feita apenas de preliminares. Ha quem goste, não é o meu forte. Isto entre nós.

JORGE

Mas Margarida... Que tem o tio que dizer?

LOPO

Margarida deve ser mais velha do que a irmã.

JORGE

Anno e meio mais só.

LOPO

Ella disse-te a edade? Adoravel! Ao caso pouco importa. Margarida tem certo espirito, certa desenvoltura -- não ha que negal-o. Mas tu dás me a tua palavra d'honra que pensaste logo, na primeira vez em que a viste, em fazer d'ella tua mulher?

JORGE

A primeira vez que a vi — decerto que não.

LOPO

Mas a primeira vez em que lhe disseste que a amavas?

JORGE

Não me recordo. Não sei o que pensava então, sei o que penso agora — e basta.

LOPO

Não pensaste, com certeza. Tu começaste por galanteio, seguiste por capricho — e, visto que ella

resiste a ser tua amante, queres fazer d'ella tua mulher. (Gesto de Jorge) Tua amante, sim! Quando percebi que tu a cortejavas, nunca imaginei outra coisa — e quando tu ha pouco me disseste alli, em duas palavras, o que tinha succedido com teu pae — eu suppuz entender mal a tua phrase a respeito de Margarida. Teu pae depois repetiu-m'a. Fiquei inteirado. Oiço essa tua decisão matrimonial agora pela terceira vez. E soa-me mal. Quando uma coisa d'essas sôa mal aos outros, nunca fica bem aos proprios.

JORGE

Eu não me importo com os outros. Trata-se de mim. Amo Margarida.

LOPO

Pois sim. Se te satisfaz acreditar isso, não serei eu quem te roube esse prazer! Mas dize-me cá: se Margarida agora te concedesse uma entrevista... Tu já lhe pediste uma entrevista?

JORGE, embaraçado

Não.

LOPO

Esse «não» quer dizer que sim. Pediste. Ella negou-t'a. Se ella te concedesse esta noite, a sós, esse encontro — tu tens a certeza de que a respeitarias absolutamente? Não respondes. Não tens. Se tivesses essa certeza, não lhe pedias a entrevista — porque ella era inutil. Ora uma mulher a quem se pede uma entrevista de noite, mesmo que ella a negue, não é nunca a mulher com quem se casa.

JORGE, levantando-se

Nós estamos-nos entretando n'uma discussão per-

feitamente inutil. Sou senhor das minhas acções — só a mim cabe a sua responsabilidade.

LOPO

Enganas-te. Nós nunca somos inteiramente senhores das nossas acções. Tu tens o direito de esmigalhar a cabeça d'encontro a uma esquina, de te atirares para debaixo d'um comboio, de fazeres como eu: metter-te n'uma tipoia d'aluguer com uma dama pintada e meia duzia d'amigos, dar duas voltas, perder uma duzia de noites e deixar na mão do cocheiro, no regaço da dama e no bolso do amigo o que te devia chegar para comer no resto da vida; seguir mesmo o exemplo de tua mãe, — da tua pobre mãe! — que deixou ir em esmolas, em missas e em frades (vê lá a differença e eramos irmãos!) o que era de teu pae e quasi tudo o que era d'ella — emfim, tu tens o direito de fazer tudo isto e mais ainda. Não te deshonra, não te faz ridiculo, não te rebaixa. Trata-se de ti. Mas n'um casamento empenhas o teu nome, prendes para sempre toda a parte moral da tua vida... (Jorge levanta-se para sair) Emfim, tu não gostas do sermão! Mas isto já te serviu. Embora tu penses que não, já te serviu. Vae dar o teu passeio, tenham ambos muito cuidado com o sol, descansem os cavallos n'uma sombra — e tu aproveita a solidão e a fresca e vae insistindo sempre pela entrevista. Toma o meu conselho. Depois talvez me digas as tuas impressões...

JORGE, indo a sair e voltando atraz

Seria bom o tio procurar Luiza, fallar-lhe... Emquanto eu vou vêr se o cavallo está sellado...

LOPO, parando deante d'elle, olhando-o fixamente, a sorrir

E queres saber a resposta antes de sair?

JORGE, sahindo, sem querer denunciar-se

Não. É-me indifferente. Faça o tio como entender.

LOPO, acompanhando-o á porta da E. F.

E sem rancor, hein? O que eu te disse, a respeito de Margarida... não te lembres mais d'isso, a não ser á sombra, á fresca, se tiveres occasião. Emfim, não leves a mal! (Jorge sae pela E. F. — Lopo, depois de Jorge sair, vae á porta que dá para o terraço na intenção de vêr se Luizinha está no jardim. Sahindo ao terraço, para baixo:) Então não lhes faz mal o calor?

VISCONDESSA, fóra

Está d'arder!

LOPO, para fóra ainda

O nosso Mena vem carbonisado, não? (sahindo pelo terraço, D.) Vou-lhe offerecer o meu braço, Viscondessa!

Entram a Viscondessa pelo braço de Lopo e ao lado do Mena, Padre João, D. Herminia, Loló

## SCENA V

LOPO, VISCONDESSA, D. HERMINIA, LOLÓ, MENA, PADRE JOÃO

VISCONDESSA

Oh! que calor! Abafa-se!

D. HERMINIA, entregando a sombrinha ao Padre João

Padre João, pegue lá a minha sombrinha (Padre João vae ao fundo encostar a sombrinha).

LOPO

A sr.ª D. Herminia, já se sabe, e a Loló estavam na egreja...

LOLÓ

Estavamos a enfeitar o altar-mór para a novena d'ámanhã.

LOPO

Ámanhã ha novena?

DIAS COSTA

PADRE JOÃO

É da praxe. Cantam as meninas.

LOLÓ

Canto eu, canta a Titi...

LOPO

A sr.ª Morgada tambem?

PADRE JOÃO

A sr.ª Morgada é das fieis.

D. HERMINIA, sorrindo

Ha trinta e cinco annos.

PADRE JOÃO

Ha trinta e cinco annos!...

VISCONDESSA

Desejavam tambem a sr.ª D. Herminia e a Loló que a Luizinha fosse...

LOPO

Cantar?

VISCONDESSA

Mas eu já lhes disse. A pequena não sabe as orações!

LOLÓ

Canta commigo. Ai! era tão bom! É mais uma voz!

LOPO

E então a egreja, Viscondessa? Gostou?

VISCONDESSA

Está muito bem, está muito bem armada!

PADRE JOÃO

Não ha melhor em Braga. Eu bem instei com V. Ex.ª. V. Ex.ª não queria. Vale a pena vêr-se. Bem me custou que a sr.ª D. Luizinha não fosse...

MENA, *a D. Herminia*

Pois é dar aqui os parabens á Juiza da festa!

PADRE JOÃO

Isso é verdade! É uma devoção que lhe fica carota, mas que a ha-de ajudar a levar ao ceu! *(a D. Herminia, mais baixo)* A proposito de ceu, minha rica senhora, já me ia esquecendo de lhe agradecer aquelle toucinho! Explendido! Pindarico! Verdadeiro toucinho do ceu!... Aquillo até faz religião!...

VISCONDESSA, a Lopo

Veja, Lopo, se nos manda a Luiza. Diga-lhe que está cá a Loló.

LOPO

Vou já. (Ao Mena) Mena amigo, as noitadas, essa estrada do Villar!... Cá ando em averiguações! (Mena sorri, complacente. Lopo sae).

## SCENA VI

OS MESMOS, menos LOPO

D. HERMINIA, á Viscondessa

Não imagina! Tenho estado ultimamente muito mal. Passo dias inteiros a gemer, com o figado ás voltas... A Loló que diga!

MENA, serio

A sr.ª D. Loló tem visto o figado de V. Ex.ª ás voltas?

D. HERMINIA

Não! Que ideia! Mas tem visto o que eu tenho soffrido. Uma lastima!

PADRE JOÃO

A sr.ª Morgada não quer experimentar o Gerez...

D. HERMINIA

Nosso Senhor tem querido dar-me alguns allivios com a agua de Lourdes!

PADRE JOÃO

Muito milagrosas as aguas de Lourdes—celestiaes! O Gerez, bem sei, é mais terreno, mas quando Nosso Senhor quer .. E fica aqui mais á mão!

Entra Luizinha pela D. alta.

## SCENA VII

OS MESMOS e LUIZINHA

VISCONDESSA, a Luizinha

A sr.ª D. Herminia e a Loló querem que tu entres ámanhã na novena. Vêm-te convidar!

LUIZINHA, timidamente

A mamã bem sabe. Não tenho cá vestido.

VISCONDESSA

Não me lembrava d'isso. É verdade.

LOLÓ

Vamos todas de branco. Só a Titi, que é a presidente, vae de roxo.

LUIZINHA

Não tenho cá vestido branco.

VISCONDESSA

Depois, ámanhã, é incerta a nossa permanencia aqui.

PADRE JOÃO

O quê?... Já não estão cá? Isso de fórma alguma! Credo! Até era uma heresia!

DIAS COSTA

MENA

Depois d'ámanhã ainda ha arraial.

VISCONDESSA

A Luizinha anda adoentadita...

LOLÓ, em conversa, áparte, com Luizinha

Que pena! Mas ao menos, assista! Vão todos os rapazes da terra — vae o Xico pharmaceutico, vae o Mario da estação! É tão devoto! Em Braga tambem ha?

LUIZINHA

Ás vezes. Mas nunca entrei!

LOLÓ

Eu nunca fui a Braga! Já fiz uma promessa a Nossa Senhora de dar trinta voltas á egreja, sem fallar, depois da missa do dia, para a Titi lá me levar. Nunca vi o Senhor Arcebispo! E dizem que ha lá rapazes muito finos!...

D. HERMINIA, para a Viscondessa

Talvez para o anno, na Semana Sancta, vá a Braga. Tem-se indulgencias, sr. Padre João?

PADRE JOÃO

Certamente, sr.ª Morgada. Ha indulgencias, ha

indulgencias (mais baixo, para o Mena) e ha muito bons hoteis!

D. HERMINIA, para o Mena

O sr. Mena é de Braga?

MENA

Não, sr.ª Morgada. Sou de Santarem.

VISCONDESSA

E é d'ahi que conhece as senhoras do Villar? Era lá recebedor, não?

MENA

Não, minha senhora. N'esse tempo, era industrial. Conheci muito o marido da D. Margarida. Sim, a D. Leonor, não. Essa supponho que já vivia em Lisboa. Fui mesmo socio da D. Margarida — quero dizer: fui socio do marido. Depois o marido morreu. A D. Margarida, que ficou com alguma coisa, mezes depois, veiu para Lisboa, para juncto da irmã que casára com o Sereno. Eu, tambem, emfim, azares... Aceitei uma recebedoria em Villa Verde, depois aqui...

D. HERMINIA

Essas taes senhoras do Villar são umas que não vão á missa?

PADRE JOÃO

E o tal Sereno, o marido da outra, quer ser deputado. Não me larga para eu lhe levar o Reitor de Nespereira a almoçar...

D. HERMINIA, grave

E o senhor vae tambem lá almoçar, Padre João?

PADRE JOÃO, atrapalhado

Almoçar, não, minha Senhora! *Vade retro!* Não passo da porta. Deus me defenda! Casa d'atheus!...

MENA, sorridente, baixo, ao Padre João

Aquellas riquissimas tortas de presunto!...

PADRE JOÃO, muito baixo, áparte

Isso nem é piteu, homem, é a Extrema Uncção. (Alto) Não, senhor! Não passo da porta! *Vade retro!*...

## SCENA VIII

OS MESMOS e MARGARIDA

MARGARIDA, apparecendo, vestida d'amazona, ao fundo do terraço

Peço perdão de ter entrado. Toquei no portão. Não appareceu ninguem.

D. Herminia, vendo Margarida em *toilette* de montar, botas altas, chapeu direito e chicote, tem um grito de pavor Padre João levanta-se e aproxima-se, solicito, de D. Herminia. A Viscondessa polidamente vae ao encontro de Margarida, emquanto Loló se aproxima tambem para vêr, com curiosidade.

D. HERMINIA, aterrada, ao Padre João

É alguma das herejes?

PADRE JOÃO

E sim, sr.ª Morgada! Mas não se afflija! Não se péga!...

MARGARIDA, á Viscondessa

Tinha combinado para hoje um passeio a cavallo com o Jorge. Vi que elle se demorava. Imaginei que tivesse succedido alguma coisa.

VISCONDESSA

Cheguei ha instantes, minha senhora. Vou mandar saber se o Jorge está.

LUIZINHA

O Jorge deve ter sahido. Deixei-o aqui ha pouco. Mas se me dá licença, vou vêr. (Sae pela D. F.)

MARGARIDA, ao Padre João, descendo a scena

Tem-nos feito hoje falta de manhã, Padre João. (D. Herminia olha espantada para o Padre João, que, muito compromettido, cumprimenta Margarida. Esta, mais baixo, áparte, fallando com o Mena e abaixando cerimoniosamente a cabeça á Morgada) Que avestruz!...

D. HERMINIA, ao mesmo tempo, chamando Loló

Loló! (baixo a Loló) Não esteja a reparar. Olhe para o seu livro de missa! É indecente!

LUIZINHA, entrando de novo pela D. F.

O Jorge sahiu já a cavallo. Naturalmente foi para o Villar...

MARGARIDA

Desencontrámos-nos talvez. Mas em minha casa dizem-lhe com certeza que eu estou aqui.

Mena

E talvez melhor esperal o. (Malicioso) Para se não desencontrarem de novo...

Margarida

Uns minutos só. (Ao Mena) Seja util, sr. Mena! Vá vêr o meu cavallo. Encostei o ao portão, preso ás grades. Veja se está bem. (O Mena sae pelo terraço. Á Viscondessa) É um borrego. Eu não sei montar. Saio pela terceira vez n'um dos cavallos da parelha. É a terceira lição. O Jorge tem sido o meu professor. (A Luiza) Não monta?

Luizinha

Não, minha senhora. Nunca aprendi.

Margarida

O Jorge é um excellente professor — podia-a ter ensinado. A Leonor — essa não póde aprender! Em se vendo em cima d'um cavallo tem tonturas, ataques nervosos. Eu era quasi assim...

Viscondessa, sempre rezervada

Mas agora afoita-se?

Margarida

Sempre com medo, devagarinho — e nunca so.

Mena, que volta pelo terraço

Levei-o para a sombra e deixei-o a um pequenito do caseiro.

Margarida, sorrindo

Um *shake hands!*

D. HERMINIA, baixo, ao Padre João

Eu vou-me embora! Até tenho medo de peccar!

PADRE JOÃO, socegando-a

Já, não! É uma desconsideração. Sempre é a attender que o cunhado, o Sereno, concorreu para a festa da Virgem...

HERMINIA

Então acha que posso estar? O senhor ha-de-me dizer d'onde conhece estas herejes! *T'arrenego!*

VISCONDESSA, a Margarida

A sr.ª D. Leonor, sua irmã, está bem? E seu cunhado?

MARGARIDA

Minha irmã está hoje levemente indisposta. Talvez do calor d'hontem.

D. HERMINIA, alto, a Margarida

E então vão sós passeiar?

MARGARIDA, sorr'ndo

Eu e o Jorge, minha senhora? Oh! e somos excellentes companheiros. Nenhum de nós corre o perigo de se perder!

D. HERMINIA, baixo, a Loló, que olha de novo Margarida com interesse

Olhe para o seu livro de missa, Loló! Ou então converse com a Luizinha!

MARGARIDA, indo ao fundo, ao terraço

Eu vim certamente perturbar V. Ex.$^{as}$. Mas o Jorge não se póde demorar. (Fica um momento juncto do terraço).

A Viscondessa conversa baixo, com D. Herminia. Luizinha conversa com Loló. O Mena aproxima-se de Margarida.

PADRE JOÃO, que tem estado juncto de D. Herminia, cobra coragem agora e aproximando-se de Margarida

Seu ex.$^{mo}$ cunhado? (Baixo) Eu hoje não pude ir lá almoçar. O Reitor de Nespereira faltou-me. (Alto, de novo) Está um dia de muitissimo calor!

D. HERMINIA

DIAS COSTA

Padre João! A minha sombrinha!

Padre João corre pressuroso a entregar-lhe sombrinha. D. Herminia levanta-se.

PADRE JOÃO

Aqui tem o meu braço, sr.$^{a}$ Morgada!

VISCONDESSA, vendo D. Herminia levantar-se

Vae já, sr.$^{a}$ Morgada?

D. HERMINIA

Temos agora, na sachristia, o ensaio das meninas. A que horas mandou vir o carro para nos levar ao Freime, sr. Padre João?

PADRE JOÃO

Á uma e meia, sr.$^{a}$ Morgada, no largo da Egreja.

LOLÓ, a Luizinha, levantando-se e seguindo D. Herminia

Que pena que não queira entrar na novena! É tão bonito! Depois, os ensaios são tão devotos!

VISCONDESSA

Até ao portão está sombra. (A Margarida, riamente) Se a sr.ª D. Margarida dá licença, emquanto espera, eu acompanho a sr.ª Morgada. Vem, Luiza.

D. Herminia corteja Margarida, despede-se do Mena e sae pelo braço do Padre João, com a Viscondessa, Luizinha e Loló.

## SCENA IX

MARGARIDA e MENA

MARGARIDA, distrahidamente, emquanto olha os quadros da sala

Sabe que tenho calor! Se o senhor fosse um copo d'agua gelada era mais agradavel!

MENA

Para a senhora me beber? Devo estar amargo porque a senhora tem-me feito de fel e vinagre.

MARGARIDA, continuando a olhar um retrato

É pitoresco!

Silencio.

MENA, depois d'um momento d'hesitação

Eu percebo que a senhora se ri de mim. (Nova hesi-

tação. Com timidez) A senhora ri-se de mim, não é verdade?

MARGARIDA

Conforme. O senhor ás vezes tem graça — riu-me para si.

MENA

A senhora tem abusado de mim. A senhora confia de mais em mim.

MARGARIDA, indo ao terraço

Tem a certeza de que o meu cavallo está socegado?

MENA

A senhora tem-me ultimamente fugido. Quer-se escapar agora. Eu quero fallar-lhe.

MARGARIDA

Será bom aviar-se. A occasião não é das melhores.

MENA, depois d'uma certa hesitação, cobrando animo

Parece que já se não lembra de que nós somos conhecidos velhos. Conhecidos velhos — e com certos direitos...

MARGARIDA, tranquillamente

Direitos? Eu renunciei aos que tinha sobre o senhor — e não lhe reconheço os seus.

MENA

Tudo isso seria assim simples — se não fosse uma coisa... Eu posso fallar...

MARGARIDA, *olhando-o*

E dizer?...

MENA, *dominado pelo olhar de Margarida*

E dizer... A senhora bem sabe o que eu posso dizer...

MARGARIDA

O senhor ha pouco perguntava-me se eu me ria de si. Rio-me agora. (*Rindo*) Rio-me! É-me indifferente...

MENA, *com lentidão*

A senhora agora ri, mas sem vontade. Confia de mais em mim — é o que é. Mas é possivel que eu me tenha farto de ser este pobre diabo encolhido que foi um dia instrumento nas suas mãos e de quem os outros se riem, com a ajuda da senhora. Nós somos velhos conhecidos — e o accaso fez-nos encontrar. Já que o accaso assim quiz, o melhor é aproveitar-me do que me vem á mão... A senhora foi a unica mulher que passou pela minha vida. E n'essa occasião não se riu. Eu era já assim encolhido, timido, triste. Precisava de dinheiro, seu marido arruinava-se — serviu-lhe o meu pouco. Ninguem dirá! Tomei-a a serio, apaixonei-me. A senhora bem sabe que eu me apaixonei, que fui insensato. Na provincia a senhora queria uma grandeza que seu marido lhe não dava. Eu não a compromettia. Era o Mena! Um bello dia, fartou-se d'elle, fartou-se de me achar encolhido, já pouco tinhamos que lhe dar, bateu as azas... E se eu contasse que vi morrer seu marido de vergonha, suppondo-me seu amigo, — o unico talvez de quem elle não desconfiara, — sem dinheiro, com os meus restos? Não tive coragem para a procurar, não teria coragem para a vêr e agora que nos encontramos,

não tenho tido coragem para lhe fallar! (Com amargura) A senhora bem sabe que eu não tenho coragem para nada!

MARGARIDA, risonha ainda

O senhor imagina que alguem o acreditará — ao senhor, a essa figura, a essa voz? E, depois, que espera o senhor de mim?...

MENA

Talvez acreditem. A senhora parece que precisa agora d'um nome para a sua vida, d'um bello nome, d'um rapaz... Talvez esse rapaz me acredite...

MARGARIDA

Sejamos francos. Esse rapaz ama-me. Eu amo-o.

MENA

A senhora ama lá alguem!

MARGARIDA

Elle mandal-o ha calar! Que lucra o senhor com a minha aversão?

MENA

É que, no fundo, a senhora foi a unica mulher que passou pela minha vida. Os unicos braços que eu beijei. A senhora nunca consentiu os meus beijos senão nos braços... Não importa. Bem sei que foi pelo meu dinheiro que a senhora espatifou ou arrecadou. Mas apaixonei-me. Nunca a esqueci, sem coragem para a procurar. Agora que o Destino nos fez encontrar de novo, nos deixou sós, não sei aonde fui buscar coragem! Mas ainda que isso me custe uma torpeza, não posso viver sem os seus braços...

MARGARIDA, rindo

Mas isso é uma declaração!... Isso é uma declaração!

MENA, com a voz tremula

Estou prompto a ser seu marido!...

MARGARIDA, rindo

Mas eu sou indigna d'esse sacrificio! Isso é heroico! (vendo que o Mena, vacillante, está no meio da scena encostado a uma cadeira, em frente da porta do terraço) O sr. constipa-se!

## SCENA X

MARGARIDA, MENA e LOPO

LOPO, apparecendo ao fundo

O Jorge procura-a, minha senhora. Eu ignorava a sua estada aqui. O seu rossinante denunciou-a. Depois, segui os rastros dos seus encantadores pés. E surprehendo-os em flagrante delicto!...

MARGARIDA

O Jorge já chegou?

LOPO

E espera-a, equipado, decidido como Lohengrin (curvando-se) no cysne...

MARGARIDA

Como o senhor é gentil! O Jorge que não des-

monte. Eu vou... (despedindo-se, a rir, do Mena) Desejo que melhore depressa do seu accesso...

MENA, baixo, com a voz tremula

Não ria! Não ria!...

LOPO, a Margarida

Qual accesso? O Mena foi acomettido?

MARGARIDA, sahindo

Pela bronchite...

LOPO, ao Mena

Eu bem te disse. Trocaste o *cache-nez* pelo luar! (Do terraço, Margarida volta-se, rindo ainda).

DIAS COSTA

*Desce o panno*

DIAS COSTA

# Acto III

# ACTO III

O mesmo scenario.
Ao abrir o panno, GONÇALO e a VISCONDESSA conversam sentados á D. — No terraço LUIZINHA, LOPO e JORGE conversam tambem, com animação — A VISCONDESSA está em *toilette* de manhã.

---

## SCENA I

VISCONDESSA e GONÇALO, — e, depois, MENA
LOPO e LUIZINHA

VISCONDESSA

É possivel. Tu bem vês quanto eu tenho sido condescendente. A teu pedido, e contra minha vontade, não me fui embora no proprio dia da chegada. E tu fallaste-lhe?

GONÇALO, depois d'hesitar

Quatro palavras só, muito rapidamente. Tenho a certeza de que elle me virá fallar. Conheço-o. Tenciono mandal-o para Lisboa. Ha-de fazer-lhe bem. A ausencia ha de fazel-o reflectir.

VISCONDESSA

Eu não posso desejar para minha filha senão um casamento de inclinação.

GONÇALO

O Lopo conhece as disposições de Jorge. Luiza não lhe é indifferente.

VISCONDESSA

Mas essa intimidade que elle mantem com a outra creatura é um espectaculo que eu não quero dar a Luiza. Por todos os motivos.

GONÇALO

No entanto, de novo te peço, Carolina, que não vás já para Braga. Seria notada a tua subita partida.

VISCONDESSA

Foi o pensar n'isso mesmo que me fez acceder com mais facilidade aos teus pedidos. Logo porém que passem estes dias, vou.

GONÇALO

Pois sim. Faze o que quizeres.

O Mena entra pela D. — No terraço juncta-se ao grupo de Luizinha, Jorge e Lopo.

VISCONDESSA, olhando para o terraço

Chegou o Mena. (Levantando-se) Preciso de me arranjar. Póde vir essa gente. Dá me o teu braço, Gonçalo, até ao meu quarto.

A Viscondessa, pelo braço de Gonçalo, dirige-se para a E. — A meio da scena, o Mena desce do terraço a cumprimentar Gonçalo e a Viscondessa.

LOPO, áparte, a Gonçalo, emquanto o Mena cumprimenta a Viscondessa

O promettido, hein? Nada de imprudencias! Pro-

metti converter o filho prodigo. Deixe o caso commigo e com a Divina Providencia.

VISCONDESSA, tomando de novo o braço de Gonçalo e sahindo pela E. F.

Não te demores, Luiza. Preciso de ti.

LUIZA, descendo do terraço

Sim, mamã.

Viscondessa, pelo braço de Gonçalo, sae. Luiza, sae logo a seguir.

## SCENA II

LOPO, JORGE e MENA

O Mena, durante o principio d'esta scena, está pouco á vontade. Percebe-se que no seu espirito se trava qualquer lucta intima. Varias vezes vae para fallar, faz um movimento — mas a timidez domina-o. O actor precisa de dar esta impressão.

JORGE, depois d'um momento de silencio, a Lopo

Tive hoje, logo de manhã, uma noticia triste pelos jornaes. Um meu companheiro da escola de Gand suicidou-se.

LOPO, distrahidamente, accendendo um charuto

Em Lisboa?

JORGE

Sim. Por alguma mulher, naturalmente.

LOPO

Por uma mulher? É a unica morte ridicula! Ouves isto, Mena amigo? Põe os olhos n'estas fraquezas — e conserva a tua pureza, o teu *cache-nez* e a

tua bronchite! (Pausa. A Jorge). O Sereno mandou hoje annunciar a teu pae a sua visita. É verdade, para quando fica esse tal *pic-nic?*

JORGE

Não sei. Póde ser esta semana.

LOPO

Vejo te pouco animado. Perdeste o enthusiasmo pelas bucolicas?

JORGE

Não. Não se tornou a fallar em tal. Esta noticia d'hoje azedou-me o dia.

LOPO, ao Mena

E tu, Mena amigo, que dizes? Nada! Ah! Mas isto está sepulchral.— Vocês fazem-me entristecer! E depois adeus! É preciso chamar o medico que, a avaliar pela vossa cara, isso deve ser molestia grave! Vou desenferrujar as pernas ao sol! (tomando o braço de Jorge) Vem d'ahi, Jorge! Deixa lá o homem que se matou! Com um dia d'estes o que appetece é nascer! (Jorge segue-o para o terraço).

MENA, dando alguns passos, timidamente, a Lopo

Eu desejava fallar-lhe. Vim cá para lhe fallar.

LOPO, estacando, surprehendido

Mas hoje é um dia de sensações! O Mena transformou-se agora n'uma caixa de surprezas! Uma conversa commigo! Já sei... Vaes-me fazer testamento! (apontando Jorge) E este não póde ouvir, não é assim?

JORGE, sorrindo

Bem. Então até já! Quanto tempo?

MENA

São duas palavras só.

DIAS COSTA

LOPO

Duas palavras? Entretem-te, menino. Vae aos ninhos... Tambem has-de ser contemplado! (Jorge sae, assobiando, pelo F.)

Lopo desce, olhando o Mena com curiosidade. Este desce tambem a scena, já acanhado, compromettido.

## SCENA III

LOPO e MENA

LOPO, fingindo um ar de gravidade

Trata-se então das tuas ultimas disposições?

MENA, fazendo um esforço para fallar

Vim primeiro com tenção de fallar a seu sobrinho...

LOPO

Ao Jorge? Se se trata de testamento, menino, dize as tuas vontades. Querendo tu, divide-se a coisa.

MENA, um pouco desconcertado

Mas com elle acanhei-me. Prefiro fallar ao meu amigo, pedir-lhe o seu conselho.

LOPO, *ainda a rir*

Recorres justamente á minha especialidade. Vamos lá a isso! Dispensados os preambulos.

MENA, *hesitando nas palavras*

Eu penso não ser indiscreto. Isto fica entre nós.

LOPO

Estás deante d'um poço, Mena. Despeja as tuas confidencias!

MENA, *um pouco mais animado*

Supponho que uma das senhoras do Villar, a D. Margarida, pretende ligar o seu nome a alguem d'esta casa. Não é ao meu amigo...

LOPO

Olha o milagre!...

MENA

... É ao Jorge, a seu sobrinho.

LOPO

Até ahi, não te posso dizer se pensas bem ou se pensas mal. Mas, emfim, vê-se que és perspicaz. Continúa!

MENA, *com lentidão*

Ora justamente — o meu amigo deve sabel-o — eu conheci... eu conheci... essa senhora em vida do marido.

LOPO

Queres um copo d'agua para refrescar a garganta?

MENA, limpando o suor da testa

Posso prestar algumas informações...

LOPO, já com curiosidade

Isto é: tu queres dar as tuas informações.

MENA

Tenho pensado. N'esta altura... julgo um dever... (cada vez mais embaraçado) Essa senhora não morreu juncto do marido...

LOPO

O que lhe devia ser difficil pela simples razão de que ainda está viva.

MENA, atrapalhado

Quero dizer: o marido não morreu juncto d'ella. Estavam separados...

LOPO

É interessante — mas tem-se visto casos.

MENA

Tinham-se separado por desgostos que ella déra. Depois fugiu... desappareceu pouco tempo antes da morte d'elle. (Silencio).

LOPO

Mais nada?

MENA, com difficuldade

Nada mais.

Novo silencio.

LOPO

E esses desgostos?... De que natureza foram esses desgostos?

MENA, novamente embaraçado

Varios... Despezas, genio...

LOPO, levantando se e aproximando-se d'elle

Amantes?

MENA, abaixando a vista, hesitante

Não sei, tanto não sei...

LOPO

Isso não está bem, não é correcto. Sobre a reputação d'uma senhora, seja ella qual fôr, seja em que situação fôr, não se dizem nunca meias palavras. Ouves bem? Nunca se dizem meias palavras! É melhor a verdade!

MENA, compromettidissimo

Mas se eu nada sei...

LOPO

E o marido? Elle foi teu socio, tu foste amigo d'elle... O marido não desconfiou... Nunca... Tu nunca ouviste dizer?...

MENA, depois d'um silencio, cada vez mais hesitante

Não sei... O meu amigo bem vê — se eu soubesse...

Pela D. F. entram Gonçalo e Julião Sereno.

## SCENA IV

OS MESMOS e GONÇALO e SERENO

GONÇALO, entrando, ao Sereno

Queira entrar, sr. Sereno. Recebi hoje, logo de manhã, o amavel recado em que me prevenia da da sua visita.

SERENO

Para evitar a V. Ex.ª o incommodo de ir ao Villar. De resto, as senhoras que vieram á villa, desejavam tambem vir cá fazer um pouco de companhia á sr.ª Viscondessa. Isto é tão só!

GONÇALO, com frieza

Sua esposa?

DIAS COSTA

SERENO, completando

E minha cunhada...

LOPO, avançando a cumprimentar o Sereno

Meu caro senhor!

SERENO, sentando-se a um gesto de Gonçalo, depois de ter tambem cumprimentado o Mena

Eu fui vindo adeante porque desejava conversar particularmente com V. Ex.ª

LOPO, áparte, ao Mena

E, amigo Mena, escuso de te dizer que sou um poço. É natural que, á saida, encontres agora o Jorge no jardim. Manda m'o cá.

MENA, despedindo se

Mas talvez fosse melhor... que isto ficasse entre nós.

LOPO

Entre nós, absolutamente! Vae em paz! Manda-m'o cá. É por outra coisa. (O Mena despede se, contrafeito. Ao sair pelo terraço, faz ainda um gesto de recommendação a Lopo que lhe responde com um signal d'assentimento).

## SCENA V

OS MESMOS, menos o MENA — e depois JORGE

SERENO, a Gonçalo

V. Ex.ª já anda na labuta das suas vindimas?

GONÇALO

Comecei. Mas o anno é fraco, é fraquissimo. O verão começou tarde e entrou muito quente. As ul timas geadas queimaram muito.

SERENO

Decerto. A colheita deve-se resentir.

LOPO, que depois da saida do Mena, está um momento ao fundo parado, desce agora pela D., emquanto Gonçalo e o Sereno conversam, e diz áparte

Margarida vem ahi... É preciso afastar Jorge.

GONÇALO, conversando com o Sereno

Ainda assim, o vinho deve ser bom.

SERENO

As fructas do Villar são esplendidas.

GONÇALO

Explendidas!

Entra Jorge, pelo terraço. Cumprimenta o Sereno e em seguida aproxima-se de Lopo.

JORGE, a Lopo

O que queria esse maduro do Mena?

LOPO

Caturrices... Depois te conto.

JORGE

Com todo aquelle segredo?

DIAS COSTA

LOPO

Feitio. Acanha-se de tudo.

JORGE, apontando o Sereno

Veiu só?

LOPO

Veiu.

JORGE, depois d'um momento

Naturalmente hoje, a tia não quererá já sair...

LOPO

Decerto. Pelo menos — pelo calor.

JORGE

N'esse caso...

LOPO, percebendo-lhe a intenção

N'esse caso saes tu...

JORGE

Possò sair.

LOPO

Queres a minha companhia? (Gesto d'assentimento, um pouco hesitante, de Jorge. Lopo fingindo recordar-se) Mas é verdade: eu não posso. Tenho umas cartas.

JORGE

Até já. Vou espairecer um pouco... (Sae pela E. — Lopo, depois d'elle sair, sóbe ao terraço, e olha um momento para fóra, para o lado do jardim, como quem espreita, sem querer ser visto.

(Durante o curto dialogo anterior a conversa entre Gonçalo e o Sereno tem proseguido á E.)

SERENO, continuando a conversa com Gonçalo

Conto ter as obras promptas d'aqui a um mez.

GONÇALO

E retira logo?

SERENO

A minha senhora não se póde vêr aqui. (Com um gesto de condescendencia) Madamas!...

GONÇALO

Poucas distrações...

SERENO

Muita mingua de distrações.

LOPO, descendo agora do terraço, áparte

Cahiste! Eis-te a caminho do Villar!... Não encontras ninguem... Ossos do officio! (Vem buscar a uma meza da D. o chapeu e sae pelo terraço).

## SCENA VI

GONÇALO e SERENO

SERENO, depois de se ter certificado de que Lopo sahiu

Eu tinha pedido ao nosso amigo Padre João para fallar a V. Ex.ª. Mas afinal entendo que o melhor é fallar eu proprio...

GONÇALO

Sem duvida.

SERENO

V. Ex.ª deve saber que eu sou mesmo d'aqui, d'uma freguezia proxima. O nascimento humilde não envergonha, não é verdade? Queria dedicar-me sinceramente ao bem-estar, á prosperidade d'esta terra. Emfim, a gente sempre cria um certo amor a estas coisas... (Tosse) Alguns amigos... V. Ex.ª talvez saiba!... Alguns amigos julgaram que eu, com o meu pouco, podia contribuir para o engrandecimento da região — e, vae d'ahi, pediram-me para nas proximas eleições... para nas proximas eleições... consentir em que o meu obscuro nome figurasse. V. Ex.ª talvez saiba — V. Ex.ª deve saber!... Mesmo, o sr. administrador fallou-me. Como eu concorri com sete contos de réis para as obras da cadeia e para a egreja da Senhora da Boa Vista... Emfim... (nova tosse) Eu desejava saber a este respeito a opinião de V. Ex.ª

GONÇALO

V. Ex.ª, sr. Sereno, não precisa da minha opinião. Felicito-o, acho muito bem. V. Ex.ª lá sabe... Eu acho muito bem.

SERENO

V. Ex.ª tem caseiros, V. Ex.ª é uma pessoa de consideração. Eu queria saber se podia contar com o apoio de V. Ex.ª...

GONÇALO

Eu nunca quiz saber, sr. Sereno, d'esta politica d'agora. Quando novo, fui algumas vezes á comedia. Pouco — nunca fui dado a comiquices. Desejava ser-lhe agradavel — mas estou velho para mudar d'habitos.

SERENO, um pouco engasgado

A politica... Sim, eu não digo que V. Ex.ª não tenha razão. Decerto, decerto... Eu mesmo, emfim, é porque se trata da terra, — sim, trata-se do engrandecimento da terra... V. Ex.ª deve saber, já fui agora eleito para a Misericordia. Depois, hoje é uma carreira. Dá desgostos... Já tive de cortar as relações com um compadre meu. Depois, dinheiro... Mas V. Ex.ª tem seu filho...

GONÇALO, atalhando

Por emquanto, não penso em fazel-o regedor...

SERENO

Mas V. Ex.ª pode-me dar a liberdade de mandar fallar, de mandar prevenir os caseiros. Sempre é bom andar com antecipação. Talvez o nosso amigo Padre João.

GONÇALO

Que era miguelista...

SERENO

Mas eu prometti uns subsidios para a confraria do Sanctissimo...

GONÇALO

Perfeitamente. O Padre João tinha as convicções no cofre da confraria!

SERENO

Eu tambem vinha agora prevenido para aquelle negocio em que V. Ex.ª me fallou. Aquelle negocio, umas hypothecas... setecentos mil réis de que V. Ex.ª... carecia (tirando do bolso um embrulho) Estão ás ordens de V. Ex.ª. E, emfim, esta historia das eleições... Talvez podessemos combinar. Eu dispensava a hypotheca. Um simples titulo... (fica olhando Gonçalo com o embrulho na mão).

GONÇALO, levantando se

O sr. Sereno esquece-se de que... de que eu não sou da confraria... do Sanctissimo e do Padre João. Muito obrigado. Dispenso o negocio, o titulo, a hypotheca, os setecentos mil réis em que lhe fallára, quando foi da compra de Villar! Até admiro a memoria de V. Ex.ª! Eu já me tinha esquecido... E quanto aos caseiros — mande V. Ex.ª o Padre João... Eu só preciso d'elles para me cuidarem das terras e pagarem as rendas. Folgo muito em que V. Ex.ª os possa aproveitar para a salvação da Patria. (n'outro tom) Ouvi dizer que V. Ex.ª pensava em fazer uma excellente canalisação d'agua no Villar. Vae procurar a nascente ao fundo da propriedade, no monte, não é verdade? Deve ser dispendioso — mas é uma commodidade!

SERENO, lisonjeado

Foi uma ideia minha! (antes de guardar o embrulho com o dinheiro) Então V. Ex.ª? .. (gesto negativo de Gonçalo) E quanto aos caseiros — muito obrigado a V. Ex.ª. (N'outro tom) As senhoras demoram...

GONÇALO, dirigindo-se ao terraço, emquanto o Sereno toma um apontamento na carteira

Qualquer encontro... As senhoras são sempre retardatarias! (olhando para fóra) Mas ahi vêm, acompanhadas pelo Lopo. Vêm do lado da Praça.

SERENO

Eu tenho um grande amor a esta terra. É por isso que entro n'estas coisas. Para o anno, para a festa, tenciono offerecer um sino novo, dos grandes. Já prometti.

GONÇALO

É um benemerito!

SERENO

Ajudar, emfim — ajudar esta gente.

Entram Leonor, Margarida e Lopo. Gonçalo cumprimenta as senhoras.

## SCENA VII

GONÇALO, SERENO, LEONOR, MARGARIDA e LOPO

LEONOR

Viemos á villa — e, como meu cunhado tinha de vir aqui, não nos quizemos dispensar de saber noticias da sr.ª Viscondessa.

GONÇALO

Felizmente, minha irmã não se tem resentido do calor...

LOPO

Eu vou mandar prevenil a... (Gesto d'assentimento de Gonçalo.— Lopo sae pela E. e volta logo).

DIAS COSTA

LEONOR

Está um verdadeiro ar de trovoada!

MARGARIDA

Desde hontem que a ando a esperar... Este tempo transtorna-me os nervos!

SERENO

E eu detesto o frio, o inverno. Talvez sejam effeitos do Brazil... (Segue com Gonçalo para o fundo).

LOPO, sorrindo a Leonor

Então ainda nem sequer me disse que tem tido saudades minhas...

LEONOR

Lembrei-me hontem de si ao café. Tomei-o muito doce.

LOPO

E como boa dona de casa, lembrou-se da economia que fez com a minha ausencia. Beijo-lhe as mãos! (A Margarida) O passeio a cavallo d'hontem fez-lhe bem aos nervos?

MARGARIDA

Estava muito pó, muito sol e o Jorge ia semsaborão.

LOPO

Succede-lhe isso algumas vezes — mas sempre é d'admirar, na sua companhia.

A Viscondessa entra, cumprimenta Margarida e Leonor.

## SCENA VIII

OS MESMOS e VISCONDESSA; e, no fim, JORGE

LEONOR, á Viscondessa

Naturalmente fomos importunas. Mas como o Julião tinha de vir cá — aproveitámos.

VISCONDESSA, com frieza sempre

Pelo amor de Deus! A sr.ª Morgada teve a gentileza de consentir que a sobrinha viesse passar hoje uma parte do dia com a Luiza. Eu estava justamente só.

LEONOR

Tanto melhor! A sr.ª Viscondessa não gosta de sair?...

VISCONDESSA

É um habito antigo — quasi de familia. Somos todos meio monges...

LEONOR

Se não fosse isso, atrever nos-hiamos a pedir-lhe para honrar o Villar com uma visita, jantar comnosco, por exemplo...

VISCONDESSA

Talvez me retire hoje, talvez parta ámanhã para Braga. D'um momento para o outro, posso ser obrigada a partir.

LEONOR

Devéras?

VISCONDESSA

Não posso deixar a minha casa só. Tenho lá afazeres urgentes.

MARGARIDA, que está de pé, olhando fugitivamente, com disfarce, o terraço, a sala — áparte a Lopo

O senhor não diz nada?

LOPO

Precisamente para ter o prazer de a ouvir dizer alguma coisa. Quer-me fazer alguma pergunta? (Olhando-a com malicia) Procura a trovoada? (Sorriso de Margarida) É que, como disse que a esperava desde hontem e a vejo tão inquieta... (Sorrindo tambem) O Jorge não está...

MARGARIDA

Ah! sim? Algum passeio a cavallo?

LOPO

É possivel — mas não é provavel.

LEONOR, á Viscondessa

Temos sempre gente ao nosso café. Mas ainda assim é uma insipidez! Eu e o Julião costumavamos passar sempre este tempo na Figueira. Todas as noites iamos ao Casino. (a Lopo) O senhor joga?

LOPO

O pião, minha senhora. Sou um grande amador do pião — e da *sueca*.

LEONOR

A hora do mar, pela manhã, sobretudo, é o meu encanto. O Julião não gosta — coitado! — tem medo

que eu me afogue. Mas eu nado, nado... (a Lopo) Sou uma nadadora, sabe? O senhor nada?

LOPO, sorrindo

N'este momento, n'um mar de rosas, por estar juncto de V. Ex.as

VISCONDESSA

Não vão para a praia este anno?

LEONOR

Infelizmente. D'aqui para Lisboa. Ah! como eu suspiro por essa hora!...

JULIÃO, descendo, para Leonor

Que apparelho é que nós mandamos vir agora para dar luz, no Villar?

LEONOR, sem o olhar

Um gazometro.

JULIÃO, voltando para juncto de Gonçalo

É isso, um gazometro. Cem mil réis.

LOPO, a Margarida, áparte

Estou capaz de dizer que a acho triste.

MARGARIDA

É possivel. A trovoada...

LOPO

Acho-a com uma d'estas caras... como as mulheres só têm quando lhe doe algum dente ou em

dia de contrariedade. Os seus lindos dentes... estão cada vez mais de marfim. Portanto, é um mau pensamento que a perturba. Desde que estive aos quinze annos no seminario, fiquei com uma vocação decidida para confessor...

MARGARIDA

Eu não me confesso.

LOPO

Eu adivinho. São saudades do marido...

MARGARIDA

De qual marido?

LOPO

Do morto, minha senhora, do que morreu nos seus braços... D'algum vivo — só se forem esperanças!

MARGARIDA, *irritada*

O senhor hoje está implicativo!

LOPO

Deve ser da trovoada.

MARGARIDA

Está-me a fazer mal aos nervos!

LOPO

Trate-me mal, minha senhora, trate-me muito mal! É a fórma de eu amar. Se me diz uma insolencia — tem-me rendido aos seus pés. Um marido

por uma insolencia! Eu sou um homem de sensações!

MARGARIDA

Appetece-me dar-lhe um beliscão.

LOPO

Isso é abusar d'uma fraqueza. Depois tem de me levar á egreja...

MARGARIDA

O senhor, ás vezes, tem espirito!

LOPO

Se tivesse dado por isso mais cedo!... Porque será que as mulheres só dão por mim tarde e a más horas?...

MARGARIDA

O senhor não se faz notar!

LOPO

Eu não faço outra coisa. É sestro — é o que é. Tinha-lhe agora poupado esta trovoada...

MARGARIDA

Como?

LOPO

Porque eu sou d'aquelles, minha senhora, que quando amam — sabem presentir no ar, pelo aroma, pela côr, pela briza, o objecto amado. Não lhe succederia agora, por exemplo, ter de me andar a procurar com a vista e com o coração. Eu teria presentido a sua presença. Já estaria alli aos seus pés, com a mão direita a offerecer se...

MARGARIDA

Está sendo gentil!

LOPO

Reconhece-o tarde!...

MARGARIDA, sorrindo

Quem é que lh'o disse?

LOPO, alto, para Leonor

Então que me diz, D. Leonor, ás excursões do Mena pelas proximidades do Villar, á meia-noite?

LEONOR, com curiosidade

Voltou a ser encontrado?

VISCONDESSA

Coitado do homem! É uma perseguição!

LOPO, novamente a Margarida, áparte

O Mena nunca lhe fez as suas confidencias?

MARGARIDA

A mim?

LOPO

N'aquellas sortidas, á meia noite, pelo Villar?... Relações antigas...

MARGARIDA, seccamente

Eu não recebo confidencias d'homens, á meia noite...

DIAS COSTA

LOPO, olhando-a sempre

É que o Mena não é um homem... como qualquer outro — para si. Antigas relações — conheceu seu marido, conheceu-a bem... (sublinhando) Elle disse-me que a conheceu bem...

MARGARIDA, inquieta

Elle disse-lh'o?

LOPO

Disse. Contou-me pormenores. (Aproximando-se mais d'ella) Elle está apaixonado por si!

MARGARIDA, rindo

Disse-lh'o?

LOPO

Disse — e disse-me mais. Disse tambem ao Jorge... Não sei o que disse em particular ao Jorge, que, depois de conversar com elle, sahiu...

MARGARIDA, denunciando-se

Alterado?...

LOPO

Um pouco, sim. Calculei eu que tivesse ido para o Villar. Naturalmente, o Mena fallou-lhe dos seus antigos disvellos e carinhos pelo seu marido. O Jorge é homem. Talvez se irritasse. Até dos mortos se tem ciumes! (Pausa) Sim — pois que é que o Mena lhe havia de ter dicto a seu respeito?

MARGARIDA, dissimulando, rindo

É claro.

JULIÃO, do fundo, a Leonor

Leonor! Vamos-nos embora. Faz-se tarde. Tenho ainda d'ir a Nespereira.

LEONOR, levantando-se

É ámanhã o ultimo dia d'arraial, não é verdade? (Despede-se).

Jorge apparece ao fundo, afogueiado. Fica surprehendido ao vêr Leonor e Margarida.

LEONOR, cumprimentando Jorge

O senhor tem-nos feito falta para combinar o *pic-nic*. (Jorge, perturbado pela surpreza, não atina com uma resposta — e como está deante de Gonçalo e da Viscondessa, não se atreve a aproximar-se de Margarida).

LOPO, a Margarida

Vê? Está perturbado. Não se aproxima de si. Quer que lhe diga que tudo o que o Mena contou são...?

MARGARIDA, a meia voz, nervosamente

Diga-lhe que esse homem... que esse homem se vinga. Que é uma torpeza. E que é ridiculo que se possa suppôr de mim e d'elle...

LOPO, olhando-a nos olhos, baixo

De si e d'elle?...

MARGARIDA, despedindo-se

O que elle naturalmente diz... Não sei...

(Saem Leonor, Margarida e o Sereno. A Viscondessa, que fica um momento no terraço com Gonçalo, sae logo a seguir tambem, pelo braço do irmão, pelo terraço D. — Jorge fica immovel, encostado a humbreira da porta que da para o terraço, seguindo naturalmente com a vista as senhoras do Villar).

LOPO, *só, áparte*

Esse homem vinga-se... É ridiculo entre mim... e elle! Oh! senhores! Agora póde vir o D. Sebastião que já não ha nada no mundo que me surprehenda!

## SCENA IX

LOPO, JORGE, LUIZINHA e LOLÓ

*Luizinha e Loló entram pela D. F., rindo.*

LUIZINHA, *sem vêr Jorge, a Lopo*

O tio Lopo está só?

LOPO, *apontando Jorge, que está ainda encostado á humbreira da porta*

Com sentinella á vista. (*A Loló*) Então a que horas é essa novena?

LOLÓ

Logo á tarde. Hoje de manhã vieram lá de casa muitas flores para adornar o altar da Virgem. É muito bonito! (*Jorge desce agora e aproxima-se de Lopo*).

LOPO

E canta-se em latim?

LOLÓ, *rindo*

Não, senhor. Nós, as meninas, cantamos em portuguez.

JORGE, *baixo, a Lopo*

O tio fez-me apanhar uma estafa...

LOPO, sorrindo

Eu podia lá prever! Repoisa esses nervos, que depois temos que fallar.

LOLÓ, a Lopo

O senhor nunca assistiu a uma novena?

LOPO

Não, minha menina — mas faço uma ideia.

LOLÓ

Vae logo?

LOPO

Se ha sermão — não.

LOLÓ, rindo

Não ha. Ha só leitura do Evangelho. (Lopo, de proposito para deixar Jorge e Luizinha sós, encaminha-se com Loló para o fundo, rindo e conversando).

## SCENA X

JORGE e LUIZINHA, e LOPO, no fim

LUIZINHA, a Jorge

Sabes da mamã?

JORGE

Desceu para o jardim com meu pae.

LUIZINHA, um momento depois

Estás hoje triste?

JORGE

Não. Porquê?

LUIZINHA

Parece-me.

JORGE, levantando os olhos para Luizinha

E se estivesse?

LUIZINHA

Tinha pena — porque me não podia esquecer do tempo em que eras alegre, em que eramos ambos alegres.

JORGE

Tu tambem já não és alegre?

LUIZINHA, corando

Sou.

JORGE

Mas já não és minha amiga, como d'antes?

LUIZINHA

Porque não o hei-de ser?

JORGE

Estás uma senhora.

LUIZINHA, um pouco commovida

Que tem isso? Habituei-me desde pequenina a desejar a tua felicidade. A mamã ensinou-me a pedir, nas minhas orações, pelo tio Gonçalo — e eu peço sempre tambem por ti.

JORGE

E tens a certeza de que Deus te ouve?

LUIZINHA

Porque não — se eu não peço por mim?...

JORGE

Nunca me tinhas dicto isso!

LUIZINHA

Nem era preciso dizer-t'o! (Dando uns passos para se afastar) Já vês que desejo a tua felicidade...

JORGE, retendo-a com um olhar

E no tempo em que eu estive longe?

LUIZINHA

A mamã sabia pelo tio Gonçalo noticias tuas...

JORGE

E dizia-t'as?

LUIZINHA

Ás vezes — outras vezes lia eu as cartas.

JORGE

E quando estavas no convento?

LUIZINHA

A mamã levava-me as cartas.

JORGE

Sempre?

LUIZINHA

Quando m'as não levava — eu perguntava-lhe...

JORGE, depois de a ter olhado

Tu sabes em que consistirá a minha felicidade?

LUIZINHA

Não sei.

JORGE

Mas, sim, quando rezas... O que pedes tu para mim?

LUIZINHA, hesitando

Que te dê a tranquillidade, (mais baixo e com a voz levemente tremula) uma pessoa muito tua amiga para olhar por ti...

JORGE

E nunca pedes a Deus a tua felicidade?

LUIZINHA

Não. Peço-lhe só que conserve a vida da mamã.

JORGE

Deves pedir tambem por ti.

LUIZINHA

Por mim? Eu sou feliz!

LOPO, que desce do terraço e pára um momento com um gesto de surpreza e de jubilo, vendo os dois

Luiza, tua mãe chama-te do jardim.

LUIZINHA

Lá vou — vou já!

LOPO, dirigindo-se de novo para o fundo

E tu, meu caro sobrinho, não desappareças: temos que fallar!

JORGE, retendo Luiza, que faz um movimento para sair

Não queres que te agradeça o lembrares-te tanto de mim? (Toma-lhe a mão e estreita-a um momento entre as suas. Ouve-se a voz da Viscondessa no terraço).

LUIZINHA, desfallecidamente, baixando os olhos, muito baixo

Jorge! Jorge! Fazes-me mal!... (Jorge larga-lhe a mão e Luiza corre para o fundo, precipitadamente).

Jorge fica de pé, pensativo, sem se voltar para vêr Luiza que sae.

LOPO, que tem descido a scena devagar, em silencio, depois de o olhar demoradamente e como que fallando para si

Ora é n'uma occasião d'estas que eu sinto não saber dizer qualquer coisa em latim!...

## SCENA XI

DIAS COSTA

JORGE e LOPO — VISCONDESSA, D. HERMINIA, PADRE JOÃO, LUIZINHA e LOLÓ

VISCONDESSA, que entra com D. Herminia e Padre João, emquanto Luizinha, que volta com Loló pelo terraço, atravessa a scena, rindo, e sae pela E., acompanhando Loló

Contavamos ter a Loló comnosco até á noite!

D. HERMINIA

Eu não podia vir buscal-a mais tarde...

VISCONDESSA

A Luizinha ficou triste. Já se vê!...

PADRE JOÃO, áparte, a Jorge

Então, o sr. Jorge não vae?

JORGE

Aonde?

PADRE JOÃO, contrafeito, olhando a Morgada de soslaio

Mais baixo, homem, mais baixinho!... (N'outro tom) Suppunha-o um dos convivas...

LOPO

E onde é o festim sagrado?

PADRE JOÃO

Hoje é o grande dia. Sempre lá levo ao Villar o Reitor de Nespereira. Sim, senhor! E temos paio — paio riquissimo! Hein?...

LOPO, apontando-lhe a Morgada

E...?

PADRE JOÃO

Nem me falle n'isso, sancto nome! Nem me falle n'isso! (Com um gesto pedindo silencio) Nem palavra, hein? (Lopo faz-lhe signal de assentimento) Pois meus caros amigos e senhores, perdem um bom bocado!

Entram, de novo, pela E., Loló e Luizinha. Loló vem já de chapeu, prompta para sair. As duas, depois de se aproximarem um momento da Viscondessa e de D. Herminia, dirigem-se para o terraço. Jorge aproveita a situação que se segue para sair sem ser percebido.

VISCONDESSA, sorrindo para Loló

A sr.ª Morgada podia, ao menos, dar-nos o prazer de jantar comnosco. O sr. Padre João depois acompanhava-as... (Padre João fica engasgado, olhando Lopo).

D. HERMINIA

O Padre João tem tambem os seus deveres sagrados que o reclamam...

PADRE JOÃO, satisfeito, sem se occultar

Decerto, decerto... Que me reclamam...

VISCONDESSA

Toda a tarde?...

DIAS COST

PADRE JOÃO, dominando já o regosijo

Toda a tarde?... Tanto não sei, minha senhora! (Com um ar mystico) Tenho de soccorrer uma penitentte... Não se podem abandonar as almas...

LOPO, baixo, ao ouvido do Padre

E os paios...

PADRE JOÃO, repetindo, inconscientemente

E os paios... (Emendando, afflicto) Quero dizer: tresmalhadas, as almas tresmalhadas...

D. Herminia despedindo-se da Viscondessa.

VISCONDESSA

Já, já, então?...

D. HERMINIA

Se me dá licença... D'aqui ao Freime é um pedaço...

VISCONDESSA, *indo ao terraço, a Luizinha, que desce*

Luizinha! Não saias sem guarda-sol!

D. HERMINIA, *subindo a scena, ao Padre João, áparte*

E logo não vae ao Freime?

PADRE JOÃO, *hesitando*

A sr.ª Morgada bem sabe... Só se...

D. HERMINIA, *ainda ao Padre João*

Não se póde andar por fóra n'estes dias de fraqueza e de abstinencia...

PADRE JOÃO

D'abstinencia rigorosa, minha sancta senhora!...

*D. Herminia e a Viscondessa saem pelo terraço.*

PADRE JOÃO, *saindo tambem, atraz, com Lopo*

Imagine o amigo! Lampreia d'ovos para nós — e duzentos votos para o Sereno. Tenho pena que não vá!...

LOPO

... Aos votos?

PADRE JOÃO

Não, senhor. Á lampreia!

*Desce o panno*

# Acto IV

DIAS COSTA

# ACTO IV

Parque da casa. Á D. F. um portão largo. Arvores e bancos. Ao fundo, um muro coberto de trepadeiras. Á E. fica o solar. O parque está mal cuidado. Cair da tarde. O muro do fundo deve ser baixo, de fórma que qualquer pessoa de dentro possa, debruçada, olhar para fóra. Todas as personagens que entram na peça, excepto GONÇALO PESSANHA, estão em scena, ao abrir o panno. Á bocca da scena, na D., sentada n'um banco, está D. HERMINIA, cercada por JORGE, PADRE JOÃO, MARGARIDA, LOLÓ, LUIZINHA. Á D, JULIÃO SERENO conversa com o MENA. Ao fundo, perto do muro, conversam LOPO e LEONOR.

---

## SCENA I

Todas as personagens que entram na peça, excepto GONÇALO

PADRE JOÃO

Sente-se melhor, sr.ª Morgada?

D. HERMINIA, bebendo um golo d'agua

Obrigada. Não se incommodem. Já passou! Era umas tremuras na vista, uma coisa exquisita... Já lá vae!

MARGARIDA

Talvez seja fraqueza.

PADRE JOÃO

Deve ser fraqueza. A sr.ª Morgada jejua-lhe muito, jejua-lhe de mais...

D. HERMINIA

De mais, Padre João!... São os preceitos!

PADRE JOÃO

Pois sim, minha senhora, — mas em caso de doença, em caso de força maior...

VISCONDESSA

Talvez a sr.ª Morgada queira descançar lá em casa...

LOLÓ

É melhor, tia.

D. HERMINIA

Já estou bem. Já passou... (á Viscondessa, baixo) Eu não fiquei despenteada?

VISCONDESSA

Não, minha senhora. Está muito bem. Mas querendo vir lá a casa, compõe-se melhor no meu quarto...

D. HERMINIA

Então, se me faz favor. (Levanta-se amparada ao braço de Loló e, acompanhada de Luizinha e da Viscondessa, dirige-se para a E., em direcção a casa).

PADRE JOÃO, seguindo a Morgada com o copo d'agua na mão

A sr.ª Morgada quer mais uma golada?

MARGARIDA

Obrigada, Padre João. Não quero. (Padre João fica um momento hesitante, com o copo d'agua na mão. A Morgada, Viscondessa, Luizinha, saem pela E. — Padre João, depois d'olhar a scena, sem saber o que ha-de fazer ao copo, vae pousal-o n'um banco ao fundo e dirige-se em seguida para a E. baixa, para juncto de Sereno e do Mena).

PADRE JOÃO, ao Sereno

Ora o meu amigo sempre me ha-de dizer que tal lhe pareceu o nosso Reitor de Nespereira, hein? Antiga portugueza — aquillo é a legitima antiga portugueza! (Senta-se no banco ao lado do Mena e do Sereno).

SERENO

Duzentos e tal votos...

PADRE JOÃO

Trezentos, trezentos, se me faz favor! E contando por baixo!...

MENA, ao Padre João

Então a sr.ª Morgada?

PADRE JOÃO

Flato, foi um pequeno flato...

## SCENA II

MARGARIDA, JORGE e LOPO, no fim

MARGARIDA

N'outra qualquer occasião, o senhor far-me-hia vontade de rir!...

JORGE

Não lhe deve ser difficil persuadir-se de que fallo serio. A Margarida, mesmo, o confessou a meu tio. Por mais que eu me recuse a acreditar tudo isso, no fundo, não posso deixar de reconhecer...

MARGARIDA

Ora vejam como era o amor que o senhor tão ardentemente me confessava! Bellos protestos! Bella sinceridade! Bastou que um homem, por phantasia ou por malquerença, viesse juncto de si, o chamasse áparte, lhe dissesse umas coisas que uma pessoa de bom senso repelliria como inverosimeis, e de que outro qualquer se riria, para o senhor immediatamente envolver em suspeitas e em infamias a mulher a quem o seu coração jurara fidelidade!

JORGE

O Mena não trocou commigo uma unica palavra a seu respeito. Mas foi da sua propria bocca, Margarida, que meu tio ouviu...

MARGARIDA

O senhor é um ingenuo! O senhor é uma creança! Todos brincam comsigo! Sim — porque isto são brincadeiras! Então o senhor acredita que eu expontaneamente fosse confessar a seu tio... (Rindo) Mas mesmo que tudo fosse verdade — o senhor acredita em cada uma!...

JORGE

Margarida! Não queira que eu duvíde de todos! Meu tio era incapaz de mentir...

MARGARIDA

Mas elle, com certeza, não mentiu. Disfructou-o! (Olhando-o, risonha) Então o senhor, com franqueza, achame capaz de cahir assim n'uma armadilha? Admitta que tudo isso era verdade — toda essa divertida historia que o senhor me está a soprar aos ouvidos — as denuncias do Mena que o senhor não ouviu, eu

a confessar tudo sem ninguem m'o perguntar, etc., etc. ... Toda essa historia não lhe parece... um conto da carochinha?... O senhor dá-me a sua palavra d'honra que não está a achar graça a si proprio?

JORGE

Eu não lhe disse que acreditava. Mas ha alguem que acredita! (a um gesto de Margarida) Não me convenço de que meu tio estivesse a disfructar-me! Não me convenço! É preciso, pois, que a Margarida...

MARGARIDA

Que eu?...

DIAS COSTA

JORGE

... Me auctorise a desmentir tudo isso!

MARGARIDA

O senhor colloca então as palavras dos outros acima das minhas? Importa-lhe a opinião dos extranhos? Duvída, finalmente, de mim? Está bem. Não preciso de saber mais! É quanto basta! (Compungida) Sejamos bons amigos, meu caro Jorge. Nós não podemos ser senão bons amigos!

JORGE

Margarida! Mas eu ainda não lhe disse...

MARGARIDA

O senhor não me disse ainda que repelliu a offensa que deante de si ousaram fazer-me! Fosse esse homem quem fosse — tinha-me offendido. E o senhor não me defendeu! Faltou ao respeito que me devia. Não lh'o posso perdoar! Não lh'o perdoaria nunca! Disse-lhe sempre que só daria o meu coração áquelle

que me soubesse amar com um amor feito de confiança e de firmeza... Sejamos bons amigos, Jorge! Sempre que appareça... um Mena, por mais grotesco que seja, por mais inverosimil que possa ser a historia que elle tenha para lhe contar, o senhor, pelo menos, duvidará de mim!...

JORGE

Como queria que eu não duvidasse de si? Como quer que eu não duvide ainda — se me não deu uma unica prova do seu verdadeiro amor?

MARGARIDA

E o senhor as provas que me dá do seu, são estas? (N'outro tom, levantando a voz) Já vêjo que me não comprehende! Eu quero um amor diverso d'aquelle que o senhor me poderia dar. Não esse amor á antiga feito de submissão, por parte da mulher; de tyrannia, d'oppressão, por parte do homem. Ah! não é esse o amor, o verdadeiro amor, o que dignifica o homem sem rebaixar a mulher, o amor superior a todas as pequenas miserias, forte, livre, ideal! O senhor é muito egoista para o comprehender!...

Lopo e Leonor têm-se aproximado.

LOPO, que ouviu as ultimas palavras de Margarida

Eu peço licença para declarar que concordo inteiramente!

MARGARIDA, formalisada, olhando Lopo

Tambem tem o vicio de escutar? E quando não ouve bem, inventa! (Voltando as costas a Jorge e Lopo, para Leonor) Empresta-me o teu leque, Leonor!

(A Viscondessa e a Morgada entram de novo pela E. — Margarida, seguida de Leonor, vae-lhes ao encontro).

## SCENA III

LOPO e JORGE

LOPO, que se volta para responder qualquer coisa a Margarida, vendo-a ir ao encontro da Viscondessa e da Morgada

É completa!...

JORGE

Que diz?

LOPO, olhando-a ainda

Aquella mulher havia de representar bem a tragedia! (N'outro tom) Então?

JORGE

O que o Mena diz, o que o tio suppõe, são coisas inverosimeis. Sim. É preciso pensar bem. São coisas inverosimeis.

LOPO, sorrindo

Disse-t'o ella?

JORGE, embaraçado

Não m'o disse ella. Ella... ella fez o que eu faria deante d'uma accusação tão... tão estupida... Riu-se...

LOPO

Riu-se?

JORGE

Riu...

LOPO

Não ha que vêr! Aquella mulher devia representar bem a comedia! E bastou então um sorriso, um

ironico e desdenhoso sorriso seu, para que todas as nuvens se dissipassem no teu espirito?...

JORGE

Não foi o sorriso d'ella: é que, realmente, tudo o que o tio diz é incomprehensivel!

LOPO

Não te convences, pois, que essa mulher é uma *coquette* em busca de marido? Que lhe serves tu... como lhe serviria eu — como o Mena lhe serviu... É uma questão de nome, de fortuna, d'occasião! (Olhando Luiza que do fundo do jardim se aproxima com Loló) E tu, homem ignorante e cego, queres passar juncto da verdade, sem a conhecer, ao lado da Felicidade, sem ires ao seu encontro? O que se passa no teu espirito é a eterna illusão de todos os inexperientes do amor, aos 20 ou aos 25 annos. Os romances transtornam-vos a imaginação. A mulher para vocês é aquella complicada e artificial creatura, feita de nervos, de caprichos, de impudencias, de litteratices. O amor para vocês é aquelle palavreado de folhetim com aquelles gestos de comedia! A seducção está nos olhos em alvo, no sorrisinho galante, nas phrases... (N'outro tom) Se não queres fazer de Luizinha tua mulher — faze de Margarida tua amante. Mais não! (Jorge fica pensativo) De resto, eu hei-de converter-te!

JORGE

Mas eu não posso acreditar que Margarida seja... o que o tio diz. Não tenho provas. O Mena, a mim, nada me disse...

LOPO

Nem dirá. Isso em ti é uma obstinação! Tu queres então a prova? Vou dar-t'a. Dentro em meia

hora, Margarida estará apaixonada por mim, quererá casar commigo, achar-te-ha imbecil — e, se isso te não basta, d'aqui a meia hora e mais cinco minutos receberás participação official de que ella propria, em carne, osso e alma, casa com o Mena, com o *cache-nez* e com a recebedoria! Se queres mais alguma coisa -- é pedir por bocca!

JORGE

O tio quer-me disfructar. Perde o seu tempo.

LOPO

Aconselho-te a que percas a meia hora... d'illusão que te resta, conversando alli com o Padre João, que está com cara de querer fazer-te as suas confidencias ácerca da Morgada! (para o grupo da E.) Padre João! (Padre João aproxima-se) Entrego-lhe esta ovelha do seu rebanho — ensine-lhe o Evangelho! (Emquanto Jorge se deixa distrahidamente arrastar com o Padre João para a E., Lopo, passando juncto de Luizinha e Loló que riem, á D., tapa, sem ser visto, com as mãos os olhos de Luizinha).

## SCENA IV

LUIZINHA, LOLÓ, LOPO, JORGE, SERENO, PADRE JOÃO, MORGADA e GONÇALO, que entra

LUIZINHA, rindo

É o tio Lopo! É o tio Lopo Cheira a tabaco!...

PADRE JOÃO, a Jorge, junto do Sereno e do Mena

Este dava um rico deputado, se quizesse olhar cá pelas coisas da terra! (Olhando-o com surpreza e curiosidade) Ó sr. Jorge, é verdade: ouvi dizer que o senhor tambem fazia versos?

SERENO, medindo-o d'alto a baixo

É poeta?

JORGE, sorrindo

Para conciliar o somno, para fazer a digestão...

PADRE JOÃO

Então, se é poeta, ha-de ser capaz de nos fazer uma correspondencia bem puxada, a respeito cá d'umas coisas, para o *Seculo,* hein?

MORGADA, do fundo

Loló, vae-me buscar um agasalho (Loló sae pela E., correndo).

LOPO, a Luiza, baixo, rapidamente

Olha que eu sei que tu andas doidinha pelo teu primo...

LUIZINHA

Tio!...

LOPO

Sim, senhor. Sei que andas doidinha por elle e sei ainda outra coisa... Tu queres saber a outra coisa? (Luizinha levanta os olhos do chão e sorri-lhe) Pois bem: sei que elle tambem gosta de ti! (Luizinha perturba-se) Que gosta de ti, pois então! Ora bem. É preciso que vocês não fujam um do outro — e vão pensando nas amendoas... Eu não dispenso as amendoas!... (Loló, depois de ter dado o agasalho á Morgada, volta para juncto de Luiza — Lopo a Loló) Esta menina tambem deve ser gulosa...

LOLÓ, ingenuamente

Gosto muito dos doces que a Titi dá ao sr. Padre João.

LOPO

D'esses doces nunca comi — mas devem ser como melaço! (a Luiza) Pois esta menina tambem quer as amendoas. Emfim, queremos todos as amendoas! (Dirige-se para a D., ao encontro de Gonçalo que entra — diz-lhe baixo algumas palavras e aproxima-se em seguida do grupo de Leonor, de Margarida, da Viscondessa e da Morgada. Gonçalo juncta-se ao Sereno e ao Padre João).

LOLÓ, a Luizinha

Que historia é essa das amendoas?

LUIZINHA

Brincadeiras do tio Lopo...

LOLÓ

Mas estás mais pallida...

LUIZINHA

Foi do susto que elle me metteu.

LOLÓ

Quando a gente casa é que dizem que tem de dar as amendoas... Tu casas?

LUIZINHA

Eu, não! Não penso n'isso!

LOLÓ

Pois eu penso — mas não faço nada com o pensar! Tambem já fiz uma promessa a Santo Antonio! Ai! se a tia soubesse! Ella diz que a gente quando casa, que se entrega, de noite, ao Diabo!...

PADRE JOÃO, que se tem separado do grupo dos homens, a Jorge, confidencialmente

O que se queria era uma trepa boa no administrador, entende o amigo? Ha elementos de primeirissima ordem. É pedreiro livre. É atirar-lhe com a maçonaria á cara! Sim, senhor! É pedreiro livre — que eu já o tenho visto de camisola vermelha por baixo da camisa...

JORGE

Por baixo?... Se fosse por cima!

PADRE JOÃO

Não senhor — é por baixo. Entende o amigo? E, por isso, é atirar-lhe para cima... dos lombos!

LOLÓ, alto, quando o Padre João e Jorge se aproximam

O sr. Padre João é quem sabe aquelle milagre do Santo Antonio com aquella menina de Braga que queria casar!

PADRE JOÃO, a Jorge

Essa historia é riquissima! Imagine o amigo! A pequena tinha feito as suas promessas ao Santo para o casorio — e o Santo nada! Ella desesperada — entende o amigo? — agarrou no Santo, uma rica imagem benta, e záz! — janella fóra! N'isto, truz, truz, á porta.— Quem é? — Entra um sujeito com a cabeça rachada, o nariz a escorrer sangue... A imagem tinha-lhe batido em cheio, entende o amigo? A pequena desculpou-se, o homem altercou — e d'alli a quinze dias, ainda a cabeça não estava fechada, já os dois estavam na Egreja! Foi o milagre do Santo! Olhe que esta partida do Santo Antonio é finissima! Olhe que esta dava uma rica versalhada para um acrostico!

## SCENA V

LEONOR, JORGE, LOPO, MENA, MARGARIDA, PADRE JOÃO, LUIZINHA e LOLÓ

LEONOR, no grupo das senhoras

Jorge! Reclama-se aqui a sua presença. O senhor esqueceu-se do seu papel de organisador do grande *pic-nic* — e nem sequer ainda marcou dia! Sua tia e sua prima estão a ir-se embora! Receba as nossas mais cordeaes censuras.

Leonor, Margarida, Lopo descem um pouco. Ao centro, sentadas, ficam apenas Viscondessa e D. Herminia. O Mena tambem se aproxima no começo da scena que se segue.

JORGE

Mas eu peço mil perdões. Não foi minha a culpa.

LEONOR

De quem foi então?

JORGE, embaraçado

Mas se mais ninguem m'o tornou a lembrar!...

LEONOR

Assim precisava que lh'o lembrassem! (a Lopo) Diga-lhe alguma coisa, vá! Diga-lhe que está sendo muito pouco galante, muito pouco gentil!

LOPO

Diga-lh'o V. Ex.ª, minha senhora, que é infinitamente mais agradavel!

LEONOR

Mas eu não quero que seja agradavel! É uma censura!

LOPO

O Jorge promette organisar o *pic-nic* em vinte e quatro horas — e encarrega-me de, por elle, beijar as suas lindas mãos, pedindo-lhe perdão! (Beija a mão de Leonor).

LEONOR

E o senhor é quem beija?

LOPO

Eu beijo — e elle pede o perdão. Dividimos assim ao meio a penitencia...

MENA, que se tem aproximado

Então sempre se faz o *pic-nic?*

LOPO

E tu, Mena amigo, já sabes a tua missão. Vaes pescando á canna pelo monte acima para dar mais frescura á paisagem. Não é verdade, D. Margarida?

MARGARIDA

E deve ir vestido com propriedade...

LOPO

Vae coberto d'algas e d'escamas de peixe...

PADRE JOÃO, com uma gargalhada

Vae *escamado?*

LEONOR

Vae aquatico...

LOLÓ

Se a Titi me deixasse tambem ir... (a Luiza) Tu vaes?

LUIZINHA

Não sei se a mamã se póde demorar...

LEONOR, a Loló

Vamos pedir em commissão á sr.ª Morgada para consentir que a menina vá... (a Lopo) O senhor preside á commissão. (Padre João vae a esquivar-se) Padre João! Requerem-se os seus serviços... ecclesiasticos.

(Leonor, Lopo, Mena, Luizinha e Loló com Padre João, sobem até ao banco aonde estão sentadas a Morgada e a Viscondessa. Cercam a Morgada).

## SCENA VI

AS MESMAS, VISCONDESSA e D. HERMINIA

MARGARIDA, a Jorge, rindo

Não pense n'isso!

JORGE

Porquê?

MARGARIDA

Porque o estou a achar ridiculo. (Ri e faz um movimento para seguir tambem para o fundo).

JORGE, retendo-a, com dignidade

Margarida! Magoa-me!

MARGARIDA

O senhor faz de mim muito ingenua — muito mais do que eu fui quando estive quasi a acredital-o... E eu tinha feito voto d'incredulidade!... (Volta-lhe as costas e dirige-se tambem para juncto da Morgada).

Jorge, que ficou um momento só, lentamente dirige-se para a D. e desapparece por entre as arvores, pensativo.

D. HERMINIA, elevando a voz no meio do grupo

O sr. Padre João tambem vae?...

PADRE JOÃO, compromettido

A minha presença deve ser dispensavel...

LEONOR

De fórma alguma! O Padre João é indispensavel!

PADRE JOÃO, sem saber o que ha-de dizer

Emfim, eu não sei... Mas, depois d'estes dias d'abstinencia, não me parece que haja inconveniente:..

D. HERMINIA

Veja lá, Padre João... Veja lá...

(Loló puxa pelo casaco ao Padre João).

LEONOR

Padre João! Padre João!

PADRE JOÃO

A sr.ª Morgada lá sabe... (Loló continua a puxar-lhe pelo casaco) A sr.ª Morgada lá sabe... Emfim, é ao monte...

DIAS COSTA

LOPO

É bucolico...

LEONOR

É biblico...

D. HERMINIA

Emfim, eu hei-de pensar... Se a Luizinha fôr...

VISCONDESSA

Não é provavel.

LEONOR

Oh! sr.ª Viscondessa!... Não nos desanime! Não nos desanime!...

D. HERMINIA

Tambem depende do tempo... Está muito calor.

LEONOR

Padre João! Resolva a sr.ª Morgada! Seja eloquente!

PADRE JOÃO

A sr.ª Morgada ha-de pensar...

LOPO

Deixemos a sr.ª Morgada. O caso é de consciencia! (a Margarida) E nós vamos fazer as pazes. (Gesto de Margarida) Fazemos as pazes, se me der dois minutos d'attenção. Veja como eu confio na sua generosidade. (Margarida e Lopo descem um pouco).

## SCENA VII

OS MESMOS, GONÇALO e SERENO

GONÇALO, levantando-se do banco da E., onde tem estado com o Sereno e dirigindo-se á Viscondessa

Talvez seja agradavel a estas senhoras, antes d'irem vêr o arraial, tomar uma chavena de chá. Déste as tuas ordens, Carolina?

VISCONDESSA, para as senhoras

Quando V. Ex.as quizerem...

Gonçalo dá o braço a D. Herminia, o Mena dá o braço á Viscondessa e dirigem-se para a E. — Leonor segue-os ao lado do Padre João.

GONÇALO, sahindo, para D. Herminia

Está terminada a sua festa, sr.a Morgada — a festa da sua devoção. Deve sentir-se fatigada!

D. HERMINIA

A ajuda de Deus dá muitas forças aos devotos. (Já quasi fóra de scena) Loló, venha tomar o seu chá!... (Loló dirige-se tambem para a E., submissamente).

LOPO, baixo, a Luizinha, que segue Loló

Vae procurar o teu primo que anda perdido entre as arvores... (Luizinha hesita) Vae procurar o teu primo e dize-lhe para vir tambem... (sorrindo) — se não tens mais nada que lhe dizer... (Luizinha, dissimuladamente, atravessa pelo fundo e sae pela D.).

SERENO, retendo por um braço Padre João, que vae a sair, ao lado de Leonor, pela E.

Olhe lá — o senhor fallou a algum caseiro?

PADRE JOÃO

Descance, sr. Sereno. O essencial é o Reitor de Nespereira. Entende o amigo? (Saem todos trez — Leonor, Sereno e Padre João, pela E.).

## SCENA VIII

DIAS COSTA

LOPO e MARGARIDA

LOPO, a Margarida

Com que então, nem os olhos levanta para mim?

MARGARIDA

Pelo contrario. Olho-o bem de frente!

LOPO

Somos inimigos?

MARGARIDA, com ironia

Inimigos?...

LOPO

A D. Margarida é uma senhora de espirito — e eu... (inclinando-se deante d'ella para lhe mostrar a cabeça) Repare, minha senhora: todos os dias arranco meticulosamente as brancas — e levo a tal ponto a meticulosidade que, como vê, estou quasi a ficar como S. Pedro... Eis-me, pois, a meio caminho de ser apostolo, pae de familia ou ministro d'Estado. Cada branca a mais tem sido uma desillusão — cada cabello a menos, um peccado lançado para traz das costas. Um homem como eu póde fallar a uma senhora como V. Ex.ª sem receio de a melindrar... *Les beaux esprits...*

MARGARIDA

Está portanto disposto a melindrar-me?

LOPO

Isso depende do espirito que V. Ex.ª quizer ou puder manter na situação. (N'outro tom) V. Ex.ª faz-me a justiça de acreditar que eu estou a lêr na sua alma...

MARGARIDA

Adivinha o pensamento?

LOPO

Por curiosidade, minha senhora. Só por curiosidade. V. Ex.ª ha quantos annos enviuvou?

MARGARIDA

É para depois adivinhar?...

LOPO

Não, minha senhora. É apenas para fazer o calculo do tempo em que V. Ex.ª se tem torturado por lhe faltar a tortura d'um marido. V. Ex.ª pertence ao numero d'aquelles que preferem á felicidade, no isolamento, um soffrimento, mesmo em má companhia. Esta é a psychologia dos celibatarios e dos que passam a vida a desejar casar, a casar e a arrepender-se de casar...

MARGARIDA

Como entrada, confesso que a gentileza me sensibilisa. Mas visto que o senhor appella para o meu espirito, não serei eu quem desdenhe do seu, achan-

do-o desde já pouco cortez... e pouco conveniente. Queira continuar.

LOPO

Obrigadissimo pelo remóque. *Les beaux esprits*... Ora V. Ex.ª, minha senhora, não ama o Jorge — nem o Jorge a ama a si. É um equivoco que eu desejo desfazer...

MARGARIDA

Tem muito empenho n'isso?

LOPO

Assim, assim... O Jorge não é a companhia que lhe convem para a tal tortura...

MARGARIDA, ferida

O senhor esquece-se de que falla a uma senhora.

LOPO

Eu bem sei que V. Ex.ª não procura conveniencias — a não ser d'ordem sentimental. Entendamos-nos. A questão é sentimental — apenas sentimental. O Jorge é um desconfiado, um obstinado, um timido. As suas seducções, minha senhora, perturbam-n'o e assustam-n'o. Ha pouco, por exemplo, deixou-o V. Ex.ª perturbado — se o fôr procurar agora encontra-o assustado... Engana-se se imagina que é um ingenuo. Nasceu assim — ha-de morrer assim. Com a convivencia, V. Ex.ª, depois de o ter algum tempo simplesmente assustado, terminaria por o apavorar. O regimen matrimonial seria o do pavor que havia de se communicar em breve a V. Ex.ª, depois a qualquer Mena que apparecesse, aos meninos que tivessem... Imagine que coisa pavorosa!

MARGARIDA, sorrindo

Pavorosa!...

LOPO

O Jorge nunca levaria a bem certas... futilidades que os invejosos e os mal intencionadas se lembrassem do ressuscitar do passado de V. Ex.ª...

MARGARIDA

Calumnias... ridiculas.

LOPO

Ridiculas, não digo, minha senhora. Calumnias, decerto. Essas taes futilidades na vida d'uma senhora são, no momento em que se produzem, sempre angustiosas para um marido como o Jorge. Quando se referem ao passado, são sempre calumnias, mesmo quando são verdadeiras. Isto pertence ao Codigo dos Direitos da Mulher...

MARGARIDA

O que o não impediu ao senhor de dar como verdadeiras certas comicas revelações do Mena...

LOPO

Dal-as como verdadeiras? Mas isso é outro caso, minha senhora! Em politica e em mulheres só é verdadeiro o inverosimil. Quanto mais V. Ex.ª me convencer, apezar de eu ter surprehendido na sua bocca a quasi confissão do contrario, — quanto mais V. Ex.ª me convencer de que é inverosimil que entre V. Ex.ª e o Mena tenha havido alguma coisa mais... do que ha entre mim e V. Ex.ª n'este momento, tanto mais eu acreditarei que entre V. Ex.ª e o Mena...

MARGARIDA

Suspenda, suspenda! Começa a ser mais que inconveniente...

LOPO

Mas se eu lhe digo, minha senhora, que, apezar d'acreditar que tudo isso é verdadeiro, como a propria verdade — continuo convencido de que se trata d'uma calumnia... Uma calumnia, para todos os effeitos! Eu penso assim. E os meus actos estão sempre d'accordo com as minhas opiniões. Já o Jorge não pensa da mesma fórma. Desconfiou, desconfia, desconfiará...

MARGARIDA

Tem a certeza d'isso?

LOPO

Tenho, sim, minha senhora.

MARGARIDA, rindo

E é então assim que o senhor imagina que me desviará de Jorge? (Ri) Vamos ao chá? Diga-me: que interesse tem o senhor em me desviar do Jorge? O senhor tambem se empenha n'este tal casamento d'elle com a prima?

LOPO

Talvez sim e talvez não. Mas que diria, minha senhora, se eu lhe declarasse que, no fundo, se trata tambem um pouco de mim...

MARGARIDA

De si?

LOPO

Sim, minha senhora. Mas isso fica para um dia, para mais tarde...

MARGARIDA, com interesse

Não se póde então dizer agora?

LOPO, depois d'um silencio, aproximando-se mais de Margarida

Póde — mas ha-de-me primeiro garantir que nós não somos inimigos...

MARGARIDA

Inimigos? Como? Se eu o ouvi até ao fim!...

LOPO, com intimidade

Até ao fim... talvez não!

MARGARIDA

Falta alguma insolencia?

LOPO

Não. Falta uma confissão.

MARGARIDA, com vivacidade, interessada

O senhor quer dizer?...

LOPO

É cedo ainda, minha senhora. Consinta que eu guarde o prazer de lhe dizer o resto para mais tarde, mais serenamente, quando tiver a certeza de

que outras impressões se desfizeram já no seu intimo para sempre... (Dá-lhe o braço e vae-a encaminhando para a E. — Parando) Preciso primeiro que acredite que, acima de tudo, a estimo.

MARGARIDA

Uma prova?

DIAS COSTA

LOPO

Quer uma prova? E acreditará na sinceridade com que lh'a dou?

MARGARIDA

Decerto...

LOPO

Pois bem. Com seriedade e com franqueza agora. De tudo o que se possa adivinhar nas palavras do Mena — não existe em mim a menor impressão. Eu comprehendo-a atravez dos seus caprichos, admiro-a e — porque não lh'o direi? — as proprias faltas do seu passado, se as ha, me perturbam. Que quer? Eu sou um homem do meu seculo! Mas do espirito de Jorge, do espirito dos outros, de todos aquelles a quem o Mena insinuou já ou possa insinuar uma suspeita affrontosa — é preciso, para seu bem e para sua honra, varrer todas as más impressões.

MARGARIDA

E como?

LOPO

Eu não quero aconselhar-lhe uma deslealdade.

MARGARIDA

Diga sempre.

LOPO

Mas a deslealdade n'este caso é merecida.

MARGARIDA

E qual é ella?

LOPO

É simples. O Mena pretende deshonral-a com as suas meias palavras. É preciso obrigal-o a desmentir tudo quanto tem dicto, tudo quanto tem dado a entender...

MARGARIDA

Mas a fórma?

LOPO

A unica fórma porque um homem, que pretende passar por digno, póde cobrir a respeitabilidade d'uma senhora que infamou: offerecendo-se publicamente para ser seu marido.

MARGARIDA

Mas julga isso facil?... Ridicularisar-me-ha. É peor.

LOPO

Ridicularisal-a, como? Se será a senhora quem o ridicularisará depois, negando-se, publicamente se quizer tambem, a ser sua mulher...

MARGARIDA

Mas isso será uma deslealdade...

LOPO

Será uma pequenina vingança que é o prazer dos deuses e das mulheres. Será uma fórma de o fazer callar para sempre. (Voltando a dar-lhe o braço) E eis como

terminamos bons amigos, nós que, á primeira vista, podiamos ha pouco parecer dois inimigos...

MARGARIDA, sorrindo

*Les beaux esprits*...

Saem os dois pela E. — A scena fica um momento deserta. Lopo entra de novo, só, pela E. Pelo F. D., sem repararem em Lopo, entram Luizinha e Jorge. Luizinha traz algumas flores na mão que entrega a Jorge.

## SCENA IX

LOPO, LUIZINHA e JORGE

LOPO, a Jorge

Com que então esquecem-se de fazer as honras da casa e do chá a apanhar flores?... Bonito! (Chamando-o, áparte) Vê lá o teu relogio. (Jorge tira o relogio. Lopo confronta as horas) Está certo. Meia hora e quatro minutos. Vão ser degolladas as tuas illusões!

LUIZINHA, pondo uma flor na botoeira do casaco de Lopo

Fica muito mais bonito assim!

LOPO, baixo, a Luizinha

E tu parece que estás mais alegre!...

LUIZINHA, a Jorge e a Lopo, dirigindo-se para a E.

Então não veem ao chá?

LOPO

Vae tu indo adeante. Nós vamos já.

Luizinha sae, rindo, pela E.

JORGE, a Lopo

Succedeu alguma coisa?

LOPO

E o que eu te pergunto a ti (Sorrindo-lhe com intenção Nada de novo?

JORGE

Nada!

LOPO

Esperemos então que o Ceu nos mande as suas surprezas! (Offerecendo lhe um cigarro) E até lá vae fumando um cigarro para entreter a curiosidade!

Entram pela E. Leonor, o Sereno, Padre João, Morgada, Margarida, o Mena, Viscondessa, Gonçalo e, por ultimo, Luizinha e Loló. Margarida vem a conversar com o Mena. A entrada das figuras deve ser ruidosa, alegre. Leonor ri. Lopo e Jorge, que estão em scena, aproximam-se. A Viscondessa desce pela D. com Gonçalo e vem sentar-se á frente.

## SCENA X

VISCONDESSA, GONÇALO, D. HERMINIA e PADRE JOÃO

VISCONDESSA

Tudo isso póde ser muito verdadeiro, mas...

GONÇALO

Mas?...

VISCONDESSA

O Lopo é um cabeça no ar. É preciso não dar

credito a tudo o que elle diz. Trata-se da felicidade de minha filha, Gonçalo!

GONÇALO

Por isso mesmo. O coração de Luizinha e o bom senso do Jorge que resolvam!

VISCONDESSA

Só o bom senso, não! É preciso mais alguma coisa...

GONÇALO

No coração d'elle confio eu. Póde ter o orgulho da mãe — mas tem a nossa lealdade, Carolina. Logo á noite ou ámanhã fallar-lhe-hei de novo — mas para lhe entregar, como já te disse, algumas cartas de recommendação para Lisboa. É um sacrificio para mim que tu bem comprehendes — mas se elle persistir, que remedio? É preciso afastal-o d'aqui, da influencia de todas estas creaturas!

VISCONDESSA

Tens razão (Para a D. Herminia e Padre João, que descem) Tem aqui um logar, sr.ª Morgada.

D. HERMINIA, descendo e sentando-se juncto da Viscondessa

O chásinho concertou-me mais...

PADRE JOÃO, de pé

É o que eu digo! A sr.ª Morgada jejua-lhe muito! É preciso cuidado. Não é verdade, sr. D. Gonçalo?

As outras personagens descem tambem.

## SCENA XI

SERENO, LOPO, LEONOR, JORGE e MENA

SERENO, para Lopo

Ora ahi tem V. Ex.ª uma opinião que o Padre João me expunha ha pouco, e com que eu não concordo. Quanto mais plantações, melhor. É o que eu digo. Em havendo vinho em demasia — come-se o vinho em uvas!...

LOPO

N'esse caso... Comendo o vinho assim — sempre é uma fórma de o beber. O essencial é pôr isso em lei.

SERENO, convencido

Está visto — em lei!...

LEONOR, para Jorge

Eu sou contra o casamento!

LOPO, intervindo na conversa de Jorge e Leonor

Ora ahi está uma opinião que V. Ex.ª tem — mas de que soffre o seu marido.

SERENO, que só ouve estas ultimas palavras

De que soffro eu?

JORGE

A esposa de V. Ex.ª é quem sabe...

LOPO, ao Sereno

E V. Ex.ª é contra o casamento?

SERENO

Eu sou contra o celibato do sacerdocio!

LOPO

Já é ter uma opinião sobre o casamento! (Vendo aproximar-se o Mena) E alli vem um celibatario a proposito...

Todos n'este momento formam grupo em torno de Lopo e de Leonor, excepto a Morgada e Padre João, que se junctam á D. a conversar com Viscondessa e Gonçalo.

A tua opinião, Mena?

MENA, atrapalhado

DIAS COST

Eu sou pelo casamento...

LOPO

É uma opinião que tem levado tempo a formar, mas que é respeitavel — e insuspeita.

## SCENA XII

LOPO e MENA

MENA, chamando Lopo, áparte

O meu amigo bem sabe que eu sempre fui pelo casamento... apezar de tudo... E tanto que...

LOLÓ

E tanto que... Dize o resto!

MENA

A D. Margarida authorisou-me a dizer... a participar...

LOPO

A participar?

MENA, depois d'um momento, decidido

Eu caso. Caso, sim senhor. E é com ella que eu caso! Dê-me os parabens. (Com uma grande expressão d'alegria) Eu preciso que me dêem os parabens!

LOPO, abraçando-o

Os meus parabens, Mena, — os meus parabens e um abraço!

Margarida tem seguido com a vista esta scena entre Lopo e o Mena.

MENA

Muito obrigado! Ella authorisou-me...

LOPO

E aquella historia toda?!... Perfeitamente, Mena! Tu és da minha opinião. (Alto) Minhas senhoras! Meus senhores! Dêem os parabens ao Mena!

## SCENA XIII

OS MESMOS, LEONOR, GONÇALO, PADRE JOÃO, VISCONDESSA, JORGE, MARGARIDA e D. HERMINIA

LEONOR

O que succedeu?

GONÇALO, da D., voltando-se

O que ha?

LOPO

Dêem-lhe os parabens! O resto fica para depois...

Todos abraçam e cumprimentam o Mena.

PADRE JOÃO

O sr. Mena vae ser transferido?

LOPO

Frio, frio...

VISCONDESSA

Teve alguma herança?

LOPO

Frio, frio!

LEONOR

Já sei. Arranjou um remedio para a bronchite...

LOPO

Isso talvez, minha senhora. Vae tomar um revulsivo... (a Jorge) Tu não adivinhas?

JORGE, estupefacto

Então?... (Lopo indica-lhe com um gesto Margarida).

MARGARIDA, respondendo á interrogação muda de Jorge

Pergunte a seu tio. (Dirigindo-se a Lopo, voltando as costas a Jorge, que a fica olhando com uma expressão de surpreza) Explique aqui a seu sobrinho, meu amigo, que uma mulher nunca perdôa que um homem se arrogue o direito de duvidar da sua palavra e prefere sempre...

LOPO, dando-lhe o braço e encaminhando-a para a D.

Quanto ás preferencias das mulheres, permitta, minha senhora, que eu deixe meu sobrinho na sua sancta ingenuidade...

JORGE, collocando-se deante de Lopo, n'um movimento que passa despercebido ás outras pessoas

Meu tio! O que quer isto dizer?

LOPO, imperturbavel

Quer dizer, meu caro, que já passou a meia hora — e mais alguns minutos. Eu peço perdão pelos minutos a mais... Emfim, sempre sobrevieram algumas contrariedades!

Jorge, depois d'um momento, vendo que Lopo e Margarida lhe voltam as costas, dirige-se a Luizinha.

PADRE JOÃO, ao Mena

Eu não gostava de o vêr transferido. Sempre é pessoa da nossa confiança... Ainda que fosse para melhor! Apezar de ser seu amigo.

MENA

Eu talvez deixe a Conservatoria...

PADRE JOÃO

Então, sempre a sr.ª Viscondessa tinha razão. Recebeu alguma herança...

D. HERMINIA, do lado

Padre João! console-me!

PADRE JOÃO

O quê, sr.ª Morgada?

D. HERMINIA, baixo

Console-me... Tive agora um mau pensamento — a proposito do Mena... (Revirando os olhos) Elle anda mettido com as herejes...

PADRE JOÃO

Não, minha senhora. Emfim, se a sr.ª Morgada quer um trecho do Evangelho... (áparte) Mas o que pensaria ella do Mena... e das herejes?...

MARGARIDA, a Lopo

E agora, meu amigo, faça-me a tal confissão que me prometteu para quando eu tivesse acreditado na sua estima...

LOPO

A confissão?...

MENA, aproximando-se de Margarida, baixo

Eu posso agora dizer tudo... a todos?...

MARGARIDA, rindo-lhe na cara

Diga-o só áquelles a quem o senhor disse... que foi meu amante!

MENA, formalisado, ridiculo

Mas então a senhora continúa rir-se de mim?...

MARGARIDA

Quiz experimentar se ainda era capaz d'isso — e consegui-o!

O Mena fica estacado, fulminado.

LEONOR, ao Mena

Então sempre é transferencia?

MENA, serio, com uma expressão grotesca de dòr

É uma transferencia — é uma transferencia inesperada! É uma grandessissima transferencia!...

## SCENA XIV

MARGARIDA e LOPO

MARGARIDA, de novo, a Lopo

O senhor prometteu que me diria...

LOPO

A minha confissão, minha senhora? Mas foi certamente um equivoco. A minha confissão é possivel que lhe desagrade... Ouvi-lhe um dia desdenhar sinceramente d'alguem que dizia, por outras palavras, que na vida o amor deve ser, para as mulheres, mais um encargo do que um prazer... Chamava V. Ex.ª — se bem me recordo — a esse amor feito de silencios, d'abnegação e de faltas de orthographia, o «amor á antiga». E o amor para si devia ser uma coisa voluptuosa, lettrada — perversa creação do luxo e dos sentidos, para a qual a mulher

tem de fazer *toilette* e o homem tem de improvisar espirito. Perdoe-me se abusei da sua volubilidade...

MARGARIDA, formalisada

E da minha paciencia...

LOPO, retendo-a, imperturbavel

... E da sua paciencia—para lhe mostrar praticamente que no amor, á moderna, ou á antiga, como na vida, só a simplicidade e a sinceridade são perfeitamente bellas e uteis. E por o não termos ambos comprehendido é que eu estou agora aqui a dizer-lhe estas coisas...

MARGARIDA, irritada

E é essa a sua confissão... a confissão com que o senhor me illudiu?...

LOPO

Vae perder o seu espirito, minha senhora. Antes, porém, deixe-me dizer-lhe que foi por me ter seduzido por uma illusão da vida egual á que V. Ex.ª queria despertar no Jorge, que eu sei todas estas coisas para lh'as dizer fleugmaticamente e não quiz que outro as tivesse d'aprender nas suas encantadoras, nas suas deliciosas perversidades... Olhe, minha senhora. O casamento é... é assim uma especie de letra de cambio... Ha maridos que assignam a letra e a acceitam para a irem depois pagando pela vida fóra .. com o suor do seu rosto—e ha maridos que apenas figuram como abonadores da letra que vae sendo, aqui e acolá, descontada por outros... Apparecem sempre sugeitos a descontar—e o marido lá vae arrostando com os

juros... V. Ex.ª comprehende-me. O Mena, minha querida senhora, no seu caso, serve para saccador...

MARGARIDA, com um movimento de desespero

Mas o senhor é insolente! Eu vou dizer a meu cunhado, eu vou dizer ao Jorge...

## SCENA XV

TODAS AS PERSONAGENS QUE ENTRAM NA PEÇA

JORGE, deante de todos, olhando ainda de lado Margarida, — á Viscondessa, que está juncto de Gonçalo

Meu tio Lopo disse-me que meu pae tencionava dar-me umas cartas d'apresentação para alguns seus velhos amigos de Lisboa e aconselhar-me um pequeno passeio de duas ou tres semanas pela capital. Peço-lhe, minha querida tia, o obsequio de junctar ás cartas de meu pae uma pequena carta sua para a sr.ª condessa de Lima que — sei — está agora em Lisboa. É para a Luizinha levar — porque ambos nós lhe pedimos tambem licença para ir passar a Lisboa a nossa lua de mel. Não é verdade, Luizinha?

Luizinha abraça-se a chorar á Viscondessa.

VISCONDESSA, commovida

Jorge, tu pensaste bem?

GONÇALO, á Viscondessa

Eu sempre confiei no coração d'elle!

LUIZINHA, desprendendo-se dos braços da Viscondessa

Que foste fazer, Jorge? Porque m'o não disseste primeiro?

JORGE

E era preciso dizer-t'o?

LEONOR, ao Sereno, que já está a dormir n'um banco

Nós não esperamos pela illuminação. Vamos-nos embora!

SERENO, accordando, n'um sobresalto

O que é que succedeu?

LEONOR

Avie se! O senhor não entende nada d'estas coisas!

PADRE JOÃO, a D. Herminia

Olhe que esta assim de chofre, sr.ª Morgada?...

D. HERMINIA

Se eu soubesse não tinha trazido a pequena! Loló! Loló! (Loló aproxima-se) A menina entendeu alguma coisa?

LOLÓ, com bregeirice

Eu não entendi nada!...

MENA, aproximando-se de Margarida, com expressão enraivecida

Estas coisas não a enternecem?

MARGARIDA, n'um movimento de colera

O senhor é um idiota! (Já arrependida, com doçura) Se eu podesse, ao menos, acreditar na sua sinceridade!...

LOPO, dirigindo-se para o fundo

E agora, meus senhores, vamos á illuminação, em acção de graças á Senhora das Dôres, milagreira! (a Jorge) Has-de vêr que eu tinha razão. Se o matrimonio te faz feliz — esse é o caminho que leva direito á tranquillidade, ás noites bem dormidas e aos *nénés*. (Dirigindo se para juncto de Leonor, n'uma attitude de galanteria) Eu continúo pelos atalhos!...

*Desce o panno*

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

PQ
9261
C38A575

Castro, Augusto de
Amor à antiga


UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 15 12 10 018 1